

Universidade do Algarve



Stresse parental e bem-estar infantil em famílias com menores em risco psicossocial

Gisela Marisa Correia Cavaco

Dissertação para **obtenção** do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob orientação da Professora Doutora Maria Cristina de Oliveira
Salgado Nunes

2015

**Stresse parental e bem-estar infantil em famílias com menores em
risco psicossocial**

Gisela Marisa Correia Cavaco

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde

Orientadora:
Professora Doutora Maria Cristina de Oliveira Salgado Nunes

2015

Stresse parental e bem-estar infantil em famílias com menores em risco psicossocial

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura:

Copyright

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

“(...) Grande é a poesia, a bondade e as danças... Mas o melhor do mundo são as
crianças (...)”

Fernando Pessoa

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida, o meu pai, o meu filho e a minha irmã. E a minha mãe, independentemente de onde ela estiver no universo.

Agradecimentos

“A mudança é a única constante da vida.”

Heraclitus de Epheseus

Gostaria de agradecer aos meus pais, ao meu querido filho e à minha irmã, pelo seu amor incansável.

Ao meu pai, por ser a voz da razão nas crises, socorro bem presente na angústia e por ser a minha fortaleza, ajuda e o meu refúgio. Quem me conhece tão bem mesmo sem ser preciso eu falar.

À minha mãe por me ter sempre entusiasmado a percorrer os meus sonhos, com toda a sua vitalidade, por desejar e lutar tanto para que eu fosse feliz e por estar sempre “lá” para mim, independentemente de onde ela estiver no universo. Quando o concluir, este grau de mestre é para ti, mãe!

Aos meus avós, a minha “figueira” interior que sempre me ensinaram a ser fiel a mim mesma e a ajudar o próximo. Só assim a vida tem significado para mim e me sinto bem! Foi a melhor herança que me deixaram!

Agradeço à Sílvia, ao Diogo, ao João e ao Gabriel.

Apresento um espontâneo reconhecimento às Comissões de Proteção às Crianças e Jovens do Distrito de Faro que permitiram a realização deste presente estudo.

Expresso o meu sincero reconhecimento a todas as famílias que modestamente se prontificaram a participar nesta pesquisa.

Declaro um agradecimento extremamente especial com elevada estima e admiração à minha orientadora Prof^a. Doutora Cristina Nunes, que esteve sempre presente quando eu mais precisei, me guiou e me orientou nos momentos mais difíceis, certos e de forma distinta.

A todos os meus antigos professores do INUAF e aos que da UALG me valorizaram e aqui destaco com consideração, respeito e carinho mais uma vez a Prof^a. Doutora

Cristina Nunes que logo no primeiro ano de Mestrado me acolheu com apreço e a Doutora Cláudia Carmo, minha supervisora de estágio do segundo ano de Mestrado, com quem muito aprendi e cresci nas áreas da psicologia.

Expresso também a minha honesta e eterna gratidão ao Dr. Santos Pereira um amigo extremamente especial que muito admiro, ao Dr. João Paulo Pestana, Dra. Maria José Pires e Dra. Lurdes Pereira que me dedicaram palavras positivas, um sorriso e iluminaram os meus dias nestes últimos tempos.

Agradeço a toda a Associação Oncológica do Algarve, uma Instituição muito especial para mim que deu sentido à minha vida e que mais uma vez me certificou que a Psico-oncologia é o caminho ao qual me quero dedicar.

Agradeço imenso ao Sr. Manuel Veiga, à Alice Mestre, à Lúcia, à Céu, à Sónia, à Dora, à Glória, à Angelina, à Helena, ao Constantino, ao Francisco, ao Ricardo, à Sofia, à Nélia, à Licínia, ao João, à Elsa, à Adrianne, à Vitorina Fino pela força e coragem que têm, diamantes no meu percurso de vida.

Agradeço imenso e verdadeiramente à minha amiga Gina Correia Silva onde seriam necessárias muitas mil palavras para retribuir a sua generosidade e bondade. Uma amiga com muita dignidade e carácter. Obrigada Gina!

Agradeço muito ao meu amigo António Valentim que me ensinou a não ter medo de viver e a superar momentos difíceis da minha vida.

Agradeço muito ao meu amigo Luís Lares que me ensinou que é a vida o maior espetáculo que temos.

Agradeço aos meus grandes amigos Dr. Ricardo Holland e Dr. José Mira que me estimularam a dar os primeiros passos na psicologia desde muito nova, mas o difícil percurso da minha vida obrigou-me a contornar o destino. Amigos estes que me ensinaram que frustrações, deceções e perdas sempre acontecerão. Ajudaram-me nas

quedas sempre que eu cai bem fundo mas infindavelmente estiveram sempre lá estendendo a mão para me ajudar a levantar. Também me ensinaram a não ter medo porque depois da mais longa noite surge um belo amanhecer.

Agradeço com a máxima admiração pela humanidade e profissionalismo ao excelente ser humano e amigo, Dr. Pedro Larisma por todas as palavras de amizade e conforto, por todas as trocas de olhares cúmplices e sinceras, pelos momentos confiantes que me transmitiu, por me valorizar veemente e por acreditar em mim.

Agradeço aos meus alunos e ex-alunos muitos deles pérolas no meu caminho.

Agradeço à minha amiga e colega Professora Cristina Martins por todo o carinho, alegria, amizade e preocupação comigo.

Agradeço à minha amiga Lénia Maria pela compreensão e esperança de todos os dias e agradeço à Neuza Dinis companheira de muitas emoções, de choros e risos.

Por fim, agradeço carinhosamente a uma menina de oito anos de idade, proveniente de uma família problemática, que muitos dias apareceu junto de mim, no local onde eu realizei a minha tese e tornou com a sua frescura e meninice tudo mais leve e alegre.

Resumo

As famílias em risco psicossocial enfrentam sérias dificuldades, vivem em contextos carenciados de recursos e acumulam numerosos acontecimentos de vida stressantes. Estas situações contextuais e pessoais em que vivem podem gerar stress parental e comprometer as suas competências parentais e o bem-estar infantil.

O presente estudo teve como objetivo analisar a influência do stress parental no bem-estar infantil. Participaram 35 famílias em risco psicossocial com idade média de 38,34 anos ($DP = 8,16$) e com processo ativo nas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em Risco, no Distrito de Faro. Foram aplicados os instrumentos Kidscreen-27, o *Parenting Stress Index-Short Form* (PSI-SF) e o Inventário de Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco (ISER).

Observámos que quanto mais stress mais interação disfuncional entre pais e filhos e não se verificaram diferenças significativas no stress parental entre o sexo feminino e o sexo masculino.

Os acontecimentos de vida stressantes globalmente mais relatados, no passado e atuais foram problemas económicos e laborais e problemas psicológicos.

Os resultados do presente estudo vão ao encontro da literatura, sugerindo que o stress parental parece ter um efeito negativo no bem-estar infantil.

Palavras-chave: Stress Parental, Parentalidade, Bem-estar infantil, Risco Psicossocial, Família.

Abstract

The families in psychosocial risk facing serious difficulties, live in disadvantaged contexts of resources and accumulate a number of stressful life events. These contextual and personal situations in which they live may generate parental stress and compromise their parenting skills and child welfare.

This study aimed to analyze the influence of parental stress in child welfare. 35 families participated in psychosocial risk with mean age of 38,34 years (DP=8,16) and active process in the Commissions of Children and Youth at Risk Protection, in the district of Faro. The Kidscreen -27 instruments were applied, the Parenting Stress Index -Short Form (PSI -SF) and the Inventory stressful and Risk Life Events (ISER). We found that the more stress more dysfunctional interaction between parents and children and there were no significant differences in parental stress among females and males. The stressful life events reported globally more, past and present were economic and employment problems and psychological problems.

The results of this study agree with the existing literature, suggesting that parental stress seems to have a negative effect on child welfare.

Key-words: Parenting Stress, Parenting, Children's well-being, Psychosocial Risk, Family.

Índice

	Páginas
Introdução.	2
1. Enquadramento teórico.	5
1.1.Caracterização das famílias em risco psicossocial.	6
1.2. Apoio Social como função protetora face às exposições hostis de vida.	13
1.2.Stresse parental.	16
1.4. Bem-estar Infantil.	19
2. Perguntas de Investigação e objetivos	23
2.1. Perguntas de Investigação.	24
2.2. Objetivo Geral.	24
2.3. Objetivos Específicos.	24
3. Método	26
3.1.Participantes.	26
3.2.Instrumentos.	26
3.3.Procedimentos.	29
3.3.1.Recolha de dados.	29
3.3.2.Análise dos dados.	29
4. Apresentação dos resultados	32
4.1. Dados Sociodemográficos e Familiares.	32
4.2. Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Atuais e no Passado.	35
4.3. Níveis de Stresse Parental.	49

4.4. Níveis de Qualidade de Vida relacionados com a Saúde.	56
4.5. Relações entre o stresse, os Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco e a Qualidade de Vida relacionada com a Saúde.	63
5. Discussão	71
6. Conclusões	76
7. Referencias Bibliográficas.	79
8. Anexo.	87

Índice de Tabelas	Páginas
Tabela 1: Fatores de vulnerabilidade para risco psicossocial.	12
Tabela 2: Dados sociodemográficos dos participantes.	32
Tabela 3: Descritivos das Dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados, (Risco Total) (N=35).	38
Tabela 4: Correlações entre as Dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados (N=35).	41
Tabela 5: Comparação das médias, desvio-padrão nas dimensões Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados, em função do sexo dos participantes, teste Mann-Whitney significância e efeito.	43
Tabela 6: Correlações entre as dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados, e as variáveis sociodemográficas (N=35).	45
Tabela 7: Descritivos das Dimensões do Stresse Parental (PSI) (N=35).	49
Tabela 8: Correlações entre o Stresse Parental (PSI) e as respetivas subescalas (N=35).	50
Tabela 9: Correlação entre o Stresse Parental (PSI), as respetivas subescalas e as variáveis sociodemográficas (N=35).	51
Tabela 10: Comparação das médias, desvios-padrão no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, segundo o sexo dos participantes, teste e Mann-Whitney significância e efeito.	52
Tabela 11: Comparação das médias, desvios-padrão no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, segundo se tem ou não companheiro(a), teste <i>Mann-Whitney</i> , significância e efeito.	53

Tabela 12: Comparação das médias, desvios-padrão nas subescalas no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, segundo o tipo de família, teste <i>Mann-Whitney</i> , significância e efeito.	53
Tabela 13: Comparação das médias, desvios-padrão nas subescalas no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, segundo o tipo de família biparental, teste <i>Mann-Whitney</i> , significância e efeito.	54
Tabela 14: Comparação das médias, desvios-padrão nas subescalas no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, a estabilidade dos rendimentos familiares, teste <i>Mann-Whitney</i> , significância e efeito.	55
Tabela 15: Comparação das médias, desvios-padrão no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, segundo o sexo do menor, teste <i>Mann-Whitney</i> , significância e efeito.	56
Tabela 16: Descritivos das dimensões do KIDSCREEN-27 (N=32).	57
Tabela 17: Correlações entre as dimensões do KIDSCREEN-27 (N=32).	58
Tabela 18: Correlações entre as dimensões do KIDSCREEN-27 e as variáveis sociodemográficas (N=35).	59
Tabela 19: Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões do KIDSCREEN-27 segundo o sexo dos participantes, teste <i>Mann-Whitney</i> , significância e efeito.	60
Tabela 20: Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões do KIDSCREEN-27 em função se tem ou não companheiro(a), teste <i>Mann-Whitney</i> , significância e efeito.	61

Tabela 21: Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões do KIDSCREEN-27 segundo o tipo de família, teste <i>Mann-Whitney</i> , significância e efeito.	61
Tabela 22: Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões do KIDSCREEN-27 segundo a estabilidade dos rendimentos familiares, teste <i>Mann-Whitney</i> , significância e efeito.	62
Tabela 23: Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões do KIDSCREEN-27 segundo o sexo do menor, teste <i>Mann-Whitney</i> , significância e efeito.	63
Tabela 24: Correlações entre as dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados, do Stresse Parental (PSI) (N=35).	64
Tabela 25: Correlações entre as dimensões do Stresse Parental (PSI) e do KIDSCREEN-27 (N=32).	65
Tabela 26: Correlações entre as dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados, e do KIDSCREEN-27 (N=32).	67

Índice de Figuras	Páginas
Figura 1: Nacionalidade dos participantes.	32
Figura 2: Nível educativo dos participantes.	33
Figura 3: Qualificação profissional dos participantes.	34
Figura 4: Situação conjugal dos participantes.	34
Figura 5: Rendimentos e Apoio Social dos participantes.	35
Figura 6: Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Passados.	36
Figura 7: Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Atuais.	37

Índice de Anexos	Página
Anexo : Consentimento Informado	95

“Foi o tempo que ocupei com a minha rosa que tornou a minha rosa tão importante.”

Saint-Exupéry

Introdução

Introdução

O presente estudo centra-se na investigação do stresse parental e sua relação com o bem-estar infantil em famílias com menores em risco psicossocial.

A pertinência deste estudo incide no papel crucial que a infância tem no desenvolvimento do indivíduo ao longo da sua existência, e na forma como o stresse dos pais pode influenciar negativamente o desempenho da criança nas várias dimensões da sua vida: social, emocional, familiar e pessoal.

Com origem na palavra latina *infantia*, a infância é a época da vida humana considerada desde que se nasce até à puberdade/adolescência. Embora a vida das crianças seja influenciada por determinados padrões que são próprios da maturidade psicobiológica, a infância também é influenciada por modelos culturais (Magalhães, 2010).

Relativamente ao termo família, este é derivado do latim *famulus*, termo criado na Grécia antiga, onde a família natural assume maior relevo ficando apoiada no casamento e vínculo de sangue. Consoante os tempos, a religião, o contexto económico e sociocultural da contextualização, a família tem sofrido alterações (Andolfi, 1984; Rodrigo, Maíquez, Martín & Byrne, 2008). A família é uma instituição complexa e influenciada por numerosos contextos. É um conjunto estruturado e interdependente de pessoas conexas entre si, por afetos, normas de comportamento e exercícios ativos em constante interação e em intercâmbio duradouro com o exterior. Segundo Lorence (2008) são várias as situações familiares em que as necessidades básicas das crianças não são atendidas, comprometendo deste modo a sua integridade e o seu desenvolvimento físico e psicológico. Logo, quando as famílias não conseguem promover nem assegurar o desenvolvimento adequado e o bem-estar dos menores, estamos face a famílias em situação de risco psicossocial (Hidalgo, Menéndez, Sánchez, Lorence, & Jiménez, 2009).

As famílias com crianças em risco psicossocial muito frequentemente têm sido associadas a baixos níveis socioeconómicos e à pobreza (Garbarino, 1992; Schaffer, 1996; Huston & Bentley, 2010), no entanto as famílias pobres compõem apenas o grupo mais notório deste conjunto de agregados, que pode ser verificado em diversos contextos sociais, culturais e económicos. Deste modo, crianças em risco psicossocial e pobreza podem suceder na mesma família, mas não obrigatoriamente (Sousa & Ribeiro, 2005).

As famílias em risco psicossocial são as que se encontram em situações vulneráveis. Esta vulnerabilidade condiciona o modo de funcionar da família, nomeadamente a capacidade de satisfazer as necessidades afetivas, pessoais e sociais dos sujeitos que as formam (Rodrigo, Marquez, Correa, Martin, & Rodrigues, 2006). Estes grupos familiares tendem a acumular diversos acontecimentos de vida stressantes que vão prejudicar as tarefas educativas dos progenitores e o exercício apropriado das suas competências parentais (Rodriguez, Camacho, Rodrigo, Martin, & Máiquez, 2006; Byrne, Rodrigo, & Martins, 2012).

Segundo Abidin (1992), o comportamento parental e a harmonia da criança são influenciados por distintos fatores sociológicos, comportamentais, contextuais e desenvolvimentais. O mesmo autor menciona que diante situações de stresse, os progenitores recorrem aos recursos que estão disponíveis naturalmente, por exemplo o apoio social. A particularidade dos recursos disponíveis ocupa um papel primordial no comportamento parental e o apoio social disponível aos pais influi as suas competências parentais.

De acordo com Nunes, Lemos, Ayala Nunes e Costa (2013) o apoio social tem sido uma variável largamente estudada devido à sua influência direta e indireta na diminuição do impacto de cariz negativo de variados fatores de risco sobre o bem-estar físico e psicológico.

Segundo Harknett e Hartnett (2011) a presença de uma rede de apoio social tem uma função protetora face à exposição a situações hostis de vida.

As redes de apoio social poderão ser informais ou formais. Informais provenientes de um contexto mais natural e próximo (familiares, amigos, etc...) e formais referentes a serviços de instituições e/ou de profissionais (escola, serviços sociais, etc.) (Rodrigo et al., 2007). Neste trabalho analisamos as relações entre stresse de vida e stresse parental, analisamos as variáveis sociodemográficas que estão associadas a um maior stresse parental e as relações que existem entre stresse parental e bem-estar infantil.

No que respeita à organização da dissertação, a mesma encontra-se estruturada da seguinte forma: o enquadramento teórico que aborda a temática das famílias em risco psicossocial, stresse parental e bem-estar infantil. Seguidamente apresentamos as perguntas de investigação, o objetivo geral e os específicos. Segue-se a descrição do método, os participantes e os instrumentos utilizados no estudo. Continuamente, expomos os procedimentos, a recolha de dados e a apresentação dos resultados. Segue-se a discussão, as principais conclusões, limitações do estudo e sugestões para futuras investigações e, por fim, as referências bibliográficas, seguindo-se o anexo.

1. Enquadramento Teórico

1.1.Caracterização das famílias em risco psicossocial

A família como uma instituição tem sido intensamente estudada por várias áreas do conhecimento. Ao longo da história, as funções da família têm passado por alterações significativas. Histórica e culturalmente tem-se assistido a uma modificação no próprio conceito de família, no entanto o seu papel e a sua importância mantêm-se (Magalhães, 2010).

Segundo Walsh (2005) hoje em dia, a criação dos filhos suporta fortes influências dos meios de comunicação, da escola e da sociedade globalizada. Também as alterações no papel da mulher, as novas tecnologias, o divórcio, entre outras, têm vindo a impor profundas transformações em toda a sociedade.

De acordo com Magalhães (2010) muitas vezes deteta-se que nas famílias em risco psicossocial as crianças permanecem em casa entregues a si próprias e responsáveis pelos cuidados com a casa ou com os irmãos mais novos, acabando deste modo por desempenhar funções para as quais não estão preparadas, nem são funções adequadas às suas idades.

Segundo o mesmo autor, as situações de crise e as situações de stresse afetam as famílias e representam riscos para os sujeitos e para os relacionamentos familiares.

Tal como defendem Whitaker e Bumberry (2010) a habilidade em controlar os riscos é importantíssima para a subsistência e desenvolvimento do núcleo familiar.

De acordo com Walsh (2005) desafios de enorme stresse, podem atingir níveis particularmente traumáticos nas famílias em risco psicossocial que já enfrentam constantemente sérios períodos de stresse ou até mesmo revelam problemas relacionados a abuso de substâncias psicoativas, abuso de álcool e que necessitam constantemente de efetuar ajustamentos aos novos desafios diários. Tudo isto constitui uma grande fonte de desgaste e de sobrecarga para as relações familiares.

Para Magalhães (2010) muitas famílias em risco psicossocial apresentam características de stresse prolongado, como nos casos de violência doméstica constante, o que origina uma

forte disfuncionalidade, além de que podem provocar desfechos graves e prolongados no âmbito da saúde mental dos membros da família. O autor destaca também que as famílias em risco psicossocial são muito afetadas quando existe a presença de doenças incapacitantes ou crónicas, ficando o núcleo familiar muito vulnerável. Também a vulnerabilidade socioeconómica é uma característica muito intensa que remete para fortes indicadores de pobreza, miséria, conflitos, violência, stresse e problemas de saúde física e mental.

Para Magalhães e Gamboa (2002) as dificuldades económicas das famílias em risco psicossocial encontram-se associadas a fatores como problemas habitacionais e de saneamento, desemprego, nível de escolaridade reduzido, famílias com elevado número de filhos ou dependentes (como doentes e idosos), complexidades de acesso a recursos comunitários e casos de violência. Estes aspetos mencionados sujeitam as famílias à vulnerabilidade social, de saúde mental e física.

Assim, as famílias com crianças em risco psicossocial muito frequentemente têm sido associadas a baixos níveis socioeconómicos e à pobreza (Garbarino, 1992; Schaffer, 1996; Huston & Bentley, 2010), no entanto as famílias pobres compõem apenas o grupo mais notório deste conjunto de agregados, que pode ser verificado em diversos contextos sociais, culturais e económicos (Sousa & Ribeiro, 2005).

Logo, as famílias em risco psicossocial são as que se encontram em situação de vulnerabilidade, em que as condições ou processos inerentes ao desenvolvimento familiar se encontram frágeis e que as condiciona no modo de funcionar capaz de satisfazer as necessidades afetivas, pessoais e sociais dos sujeitos que as formam (Rodrigo, Marquez, Correa, Martin, & Rodrigues, 2006). Estes grupos familiares tendem a acumular diversos acontecimentos de vida stressantes que vão prejudicar as tarefas educativas dos progenitores e o exercício apropriado das suas competências parentais (Rodriguez, 2006; Byrne, Rodrigo, & Martins, 2012).

Para Soriano (2006) uma das características das famílias em risco psicossocial é o facto de não conseguirem entender corretamente o comportamento da criança, ocorrendo muitas vezes uma distorção cognitiva, o que gera constantemente falta de expectativas reais da parte dos pais relativamente às capacidades e comportamentos da criança, conferindo-lhes muitas vezes mais responsabilidades do que estas são capazes de suportar. Outras vezes, verifica-se o oposto, os pais subestimam as potencialidades dos filhos.

Deste modo sucedem uma série de sentimentos de impotência ou de incapacidade da parte dos progenitores ou cuidadores o que leva a conflitos com a própria criança. Também a forma da disciplina aplicada pelos progenitores ou cuidadores, quando se torna demasiadamente punitiva ou permissiva, acaba por gerar complicações em conseguir controlar os comportamentos e atitudes das crianças. Para além disso, existem fatores de risco socioculturais, nomeadamente a pobreza, o desemprego, as dificuldades laborais que causam vários sentimentos de insegurança, irritabilidade e desesperança relativamente ao futuro (Soriano, 2006).

Tomás e Fernandes (2011) salientam que se evidencia desestruturação familiar e ausência de coesão quando as funções e papéis dos membros da família não estão convenientemente definidos. Os autores sugerem que se observa um maior número de fatores de risco em famílias monoparentais, reconstituídas, famílias com grande número de filhos, e em pais adolescentes e/ou demasiado imaturos.

Outra característica que se destaca é a desorganização, que reflete uma estrutura caótica, uma disfuncionalidade de comunicação, falta de competências e negligências parentais, o que muitas vezes pode originar o afastamento da criança do núcleo familiar (Gómez, Muñoz, & Haz, 2007).

No que respeita à pobreza, esta pode integrar um forte denominador de bloqueio em famílias saudáveis (Sousa & Ribeiro, 2005), principalmente se se encontram presentes

contextos assinalados pelos fatores de risco psicossocial e também de carência sociocultural, que fortalecem as dinâmicas de exclusão social, crise, ausência de esperança e disfuncionalidade. Aspetos estes muito frequentes nas famílias em risco psicossocial em que as consequências negativas são complicadas de se alterar (Gómez et al., 2007).

Assim, o exercício da parentalidade vê-se comprometido por inúmeros acontecimentos de vida negativos (Nunes Costa, Nunes, & Almeida, 2011; Ribeiro, 2004; Sousa, 2005), como a influência do stresse, a pobreza, o desemprego, o isolamento social (Gómez et al., 2007; Rodrigues, Camacho, Rodrigo, Martín & Maíquez, 2006), o ambiente social desestruturado, o insucesso escolar, o consumo de substâncias aditivas, o abuso intensivo de álcool e a gravidade da violência doméstica (Martín, Maíquez, Rodrigo, Correa & Rodríguez, 2004). (ver Tabela 1).

Para Soriano (2006) no que diz respeito à relação conjugal, podem existir conflitos conjugais que muitas vezes acabam por terminar em atos de violência dirigidos aos próprios filhos.

Também para o mesmo autor as crianças vítimas de maus tratos revelam fortes dificuldades na relação com os seus pares e com os adultos, manifestando tendência para o desenvolvimento de depressões, ausência de motivação, baixas expressões afetivas, reduzida autoestima e comunicação de afetos negativos. (ver Tabela 1).

De acordo com Magalhães e Gamboa (2002) nas famílias em risco psicossocial, as características individuais dos progenitores são:

- (1) A toxicodependência e alcoolismo;
- (2) Antecedentes de comportamento desviante e perturbação de saúde física e mental;
- (3) Baixo autocontrole e baixa tolerância às frustrações; personalidades impulsivas e imaturas; elevada vulnerabilidade ao stresse e reduzida autoestima;

- (4) Atitudes ansiosas, intolerantes e indiferentes relativamente às responsabilidades das crianças levando à rutura do plano comunicacional;
- (5) Ausência de capacidades para proporcionar proteção ao filho no futuro;
- (6) Antecedentes de maus tratos na infância;
- (7) Mães extremamente jovens;
- (8) Gravidezes muito seguidas umas às outras;
- (9) Reduzido nível cultural e económico, ausência de conhecimentos básicos sobre o crescimento saudável e harmonioso de uma criança;
- (10) Desemprego;
- (11) Vinculação com o filho (processo com perturbações);
- (12) Parentalidade positiva muito dificultada.

Nunes, Lemos, Ayala-Nunes, & Costa (2011), num estudo com 133 mães acompanhadas pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens do Algarve observaram que as participantes sofreram um elevado número de acontecimentos de vida negativos stressantes com significativo impacto emocional quer no passado quer nos últimos três anos de vida. Constatou-se também que os acontecimentos de vida stressantes mais constantes compreenderam a morte de familiares, problemas laborais e económicos, conflitos conjugais e perturbações psicológicas.

Observou-se neste estudo que as mães manifestaram elevadas carências emocionais e percebeu-se também uma reduzida presença de auxílio/apoio por parte dos técnicos e profissionais, sendo a principal ajuda, a família e os amigos.

Num outro estudo sobre apoio social, acontecimentos stressantes, adaptabilidade e coesão em famílias em risco psicossocial, realizado por Macedo, Nunes, Costa, Ayala Nunes e Lemos (2013) os participantes revelaram um grande número de acontecimentos de vida

stressantes relacionados com problemas psicológicos, conjugais e económicos com forte impacto emocional.

Num outro estudo de Hidalgo Garcia,V, Pérez Padilla e Álvarez-Dardet (2012) sobre a tipologia das famílias em situação de risco psicossocial e o papel da estrutura familiar, o estudo foi composto por 207 famílias dos serviços sociais da cidade de Sevilha e verificou a existência de três tipos de famílias diferentes em função das redes sociais e a existência da heterogeneidade que existe entre estas famílias e o papel que desempenha a estrutura familiar com esta diversidade. O grupo que incluiu o tipo de família com maiores níveis de risco psicossocial, piores índices de apoio social apresentou também baixos níveis de autoestima das mães.

Tabela 1. Fatores de vulnerabilidade para risco psicossocial

Fatores de risco individuais dos pais:	Fatores de risco dos menores:
- Alcoolismo	- Hábitos de vida desadequados
- Toxicodependência	- Estilos de vida muito pouco saudáveis
- Baixo nível educativo	- Comportamentos difíceis
- Percurso de vida difícil	- Insucesso escolar
- Personalidade imatura e impulsiva	- Desmotivação e desinteresse pela escola como meio de alcançar um futuro admissível
- Baixo autocontrolo e reduzida tolerância às frustrações	- Impulsividade exagerada
- Elevada vulnerabilidade ao stresse	- Baixa escolaridade
- Reduzida autoestima	- Dificuldades em cumprir regras
- Atitudes intolerantes, muito ansiosas face às responsabilidades dos filhos	- Complicações em respeitar o próximo
- Rutura do sistema comunicacional	- Tendências para comportamentos desviantes
- Consumo de substâncias aditivas	
- Problemas emocionais de gravidade	
- Perturbação de saúde mental ou física	
- Antecedentes de comportamentos desviantes	
- Desemprego	
- Dificuldades de relações positivas com os filhos	

Fonte: Magalhães e Gamboa (2002).

1.2. O apoio social como função protetora face às exposições hostis de vida

O apoio social cumpre uma função essencial na dinâmica familiar, que poderá integrar um fator de proteção quando se apresenta adequadamente ou apresentar-se um fator de risco quando está ausente (López, Menéndez, Lorence., Jiménez, Hidalgo, & Sánchez, 2006).

Certos fatores de riscos têm sido interligados ao stresse (e.g., acontecimentos de vida negativos, pobreza, pressão económica, conflitos conjugais, divórcio, entre outros), que em situações familiares de risco, várias vezes interagem entre si verificando-se a convergência dos mesmos e agravando a situação das famílias (Gómez et al., 2007).

A ausência de apoio social em famílias de risco compõe um aspeto crítico que pode cooperar para a etiologia dos maus tratos infantis (Gómez et al., 2007; Moreno, 2002; Rodrigo et al., 2008).

García e colaboradores (1994) creem que os maus tratos nas crianças compõem uma forma de ausência de capacidades e recursos dos pais para lidar e ultrapassar situações que levam a grandes níveis de stresse. Verificaram também que os pais que exerciam maus tratos sobre os seus filhos apresentavam mais stresse, maior sintomatologia psicopatológica e apresentavam-se socialmente mais isolados. Os mesmos autores referem ainda que o apoio social tem características protetoras, pois diminui o impacto dos acontecimentos de vida stressantes e pode beneficiar as relações entre os fatores de stresse e a adaptação psicológica.

García e Musitu (2003) constataram que o isolamento social encontra-se ligado a um grande risco de negligência parental e de maus tratos físicos.

Em relação aos acontecimentos de vida stressantes, estes têm uma influência muito importante no bem-estar físico e psicológico e integram um fator de risco no crescimento de sintomas psicopatológicos (Garcia et al., 1994; Lin & Ensel, 1989).

Segundo Abidin (1992) diante situações de stresse, os progenitores recorrem aos meios que lhes estão livres naturalmente, por exemplo o apoio social. A particularidade dos recursos

disponíveis ocupa um papel primordial no comportamento parental. De acordo com o mesmo autor, o apoio social disponível aos pais afeta as suas competências parentais.

Para Rodrigo e Palácios (1998) o apoio social é várias vezes relacionado a uma forma de auxílio informal ou formal, a algo que apoia um indivíduo que se encontra numa situação de crise ou a uma proteção a que o sujeito pode recorrer para ultrapassar os seus obstáculos.

Segundo Lin e Ensel (1989) o apoio social é determinado como o processo através do qual os recursos fornecidos através das redes de apoio, informais e formais, viabilizam às famílias a satisfação das suas necessidades em situações de vida diária e também em situações de crise e stresse.

Ortega (2002) menciona que o apoio social adota especial relevo para os pais, dado que eleva oportunidades de expressarem sentimentos, aperfeiçoarem o seu auto conceito, obterem orientação parental e satisfazerem as suas necessidades de afeto.

Segundo Barros (1992) os fatores sociais podem exercer um elevado peso na determinação da estruturação da família e dos estilos educativos.

Segundo López et al., (2006), o apoio social representa uma dimensão interpessoal com extremo valor no âmbito da saúde, felicidade e redução de ansiedade e de stresse, promovendo o bem-estar físico e psicológico.

O apoio social representa uma importante variável para a conservação do equilíbrio psicológico e bem-estar dos membros familiares tornando os sujeitos mais fortes de modo a enfrentar as complexidades que vão aparecendo ao longo do dia-a-dia. (López et al., 2006).

Segundo Harknett e Hartnett (2011) a presença de uma rede de apoio social cumpre uma função protetora face à exposição a situações hostis de vida.

As redes de apoio social poderão ser informais ou formais. Informais provenientes de um contexto mais natural e próximo (familiares, amigos, etc...) e formais referentes a serviços

de instituições e/ou de profissionais (escola, serviços sociais, etc.) (Rodrigo, Martín, Máiquez, & Rodríguez, 2007).

Em estudos efetuados com famílias com menores em risco, no Algarve (Nunes, Lemos, Ayala Nunes & Costa, 2013; Macedo, Nunes, Costa, Ayala Nunes & Lemos 2013) os sujeitos que participaram reportaram uma grande necessidade de apoio emocional mesmo não se detetando situações de isolamento social, a presença de um nível elevado de conflito conjugal e a presença de crianças como fonte de apoio, demonstrando certa disfuncionalidade da rede social.

Vários autores têm reconhecido a positividade do apoio social através do bem-estar físico e psicológico das crianças e dos pais, propagando uma melhoria da autoestima, promovendo um sentimento de identidade, de bem-estar e de uma redução do impacto negativo dos acontecimentos de vida stressantes, aperfeiçoando a satisfação com a vida (Garcia et al., 1994; López & Sánchez, 2001; Rodrigo et al., 2008).

Vários estudos empíricos têm-se concentrado na interação dos sujeitos na situação da sua rede social e o seu impacto nos processos de adaptação ao seu núcleo social (Ornelas, 1994).

1.3. Stresse Parental

O Stresse parental é uma reação psicológica discordante com os papéis desempenhados pelas figuras materna e paterna e o receio destes não conseguirem responder adequadamente às exigências que lhes são expostas no dia-a-dia. Este tipo de sentimento pode ocasionar sentimentos negativos sobre a criança ou sobre si próprios (Deater-Deckard, citado por Crnic & Low, 2002).

As causas geradoras de stresse parental podem ser acontecimentos de vida que provoquem um funcionamento parental mais negativo ou as próprias características das crianças (e.g., temperamento) (Abidin & Santos, 2003).

Na literatura são descritos modelos explicativos que referem os mecanismos do stresse parental. Os modelos admitem a presença de vários fatores que determinam o modo como as exigências da parentalidade são vividas e percebidas pelas figuras parentais. Salientam-se as características das crianças, as características dos pais e as características do contexto familiar e social (Abidin, 1992; Belsky, 2005; Crnic & Low, 2002).

Belsky (1984) menciona um modelo em que são referidas características das figuras parentais, como as características do desenvolvimento e de personalidade, características da relação conjugal, do contexto social, da rede social, do ambiente profissional dos pais e do ambiente escolar da criança. De acordo com o mesmo autor, entre os vários fatores ocorrem relações indiretas e diretas que vão influenciar o funcionamento e toda a dinâmica parental.

Relativamente ao outro modelo explicativo e desenvolvido por Abidin (1992, 1995) contempla três domínios importantes que o autor elege como essenciais fontes geradoras de stresse e determinantes do comportamento parental: (1) características da criança (e.g., temperamento) e a perceção parental das características da criança e do seu impacto sobre os pais, (2) características da mãe e do pai (e.g., personalidade, contexto social e relacional) e (3) stresse de vida situacional que engloba acontecimentos de vida que poderão influenciar a

parentalidade e levar a um funcionamento parental mais negativo (Abidin & Santos 2003). Este modelo foi formado tendo por raiz a pressuposição da multidimensionalidade dos fatores de stresse relativos à fonte e ao tipo.

Abidin (1995) refere também que o stresse parental apresenta um papel muito importante no funcionamento negativo ou positivo da família. O mesmo autor valoriza igualmente a perceção que as figuras parentais têm dos factos geradores de stresse. Assim, são importantes as características objetivas dos acontecimentos e a apreciação que os pais efetuam dessas características. Desta forma, o stresse parental é o efeito de um vasto leque de avaliações realizadas por cada uma das figuras parentais no campo de ação do seu nível de comprometimento com a função parental.

Para o mesmo autor, o stresse parental encontra-se dependente de um amplo conjunto de fatores, sendo as particularidades da criança, do meio, e as dos pais, que vão circunscrever o comportamento parental.

Ainda de acordo com Abidin (1992) o stresse parental poderá aparecer relacionado a várias outras questões, uma vez que figuras parentais com stresse também manifestam reduzido suporte familiar e social, reduzida qualidade de vida e bem-estar, perturbações familiares, problemas psicológicos, afetando tudo isto o bem-estar infantil e familiar no seu geral.

Num estudo realizado por Szelbracikowski (2009) constatou-se que a guarda unilateral de um filho é um fator indutor de elevado stresse dado que as responsabilidades pendem maioritariamente para um dos pais (aquele com quem fica a criança), podendo constituir um caso de risco psicossocial se o núcleo familiar já apresentar em si um reduzido suporte familiar.

Num outro estudo sobre stresse parental, foi confirmado que o stresse parental apresenta-se muito elevado em progenitores de crianças com problemas comportamentais (Embregts; Bois & Graef, 2010).

Os estudos de Crnic e Greenberg (1990) constataram que os acontecimentos do dia-a-dia promotores de stresse explicam bem os problemas das crianças, dos pais e da família, apesar de algumas situações específicas poderem ser minoradas separadamente, os seus efeitos aglomerados são muito suscetíveis de gerar stresse com consequências a curto e longo prazo quer nas crianças quer nos pais.

Num estudo de Menendez Alvarez-Dardet, S; Nunes, Cristina; Hidalgo García, V; Pérez Padilla, J; Nunes, Lara; Jimenéz, Lucia (2012) com famílias em risco portuguesas e espanholas, para analisar o stresse parental e os acontecimentos de vida stressantes em famílias em risco psicossocial em Andaluzia e no Algarve, concluiu que as mães portuguesas apresentam maiores níveis de stresse parental e acumulam maior número de acontecimentos de vida stressantes. Os resultados indicaram também que famílias de alto risco tendem a partilhar características psicossociais independentes do país de origem.

Noutro estudo efetuado por Ayala-Nunes, Lemos, I., e Nunes, C. (2013) analisaram-se as relações entre o stresse parental, as competências parentais percebidas e as contribuições dos fatores sociodemográficos e psicológicos para a explicação do stresse parental. Os resultados finais apresentaram resultados muito elevados de stresse parental sobretudo em mães com filhos adolescentes e desempregadas.

1.4. Bem-estar infantil

O bem-estar infantil é determinado pela saúde, proteção, segurança material, educação e socialização e da forma como as crianças se sentem amadas, valorizadas e integradas na família e na sociedade onde nascem (Riksen-Walraven, 2004, citado por Groeneveld et al, 2010).

O bem-estar infantil e o desenvolvimento global da criança, hoje em dia são aspetos ainda muito afetados pelos maus tratos aplicados às crianças que incluem para além da negligência, agressões psicológicas, agressões físicas e abusos sexuais (Magalhães, 2010).

Ausloos (2003) considera que pais que expressam uma parentalidade agressiva, características violentas, um reduzido nível de envolvimento emocional bem como a exposição a práticas educativas agressivas, constitui um fator de vulnerabilidade e de risco para a criança afetando o bem-estar.

Segundo a literatura científica podem ser consideradas várias dimensões do bem-estar infantil como: bem-estar psicológico, físico, comportamental, social e sexual da criança. Dimensões estas que serão muito afetadas na criança quando esta sofre maus tratos infantis. (Martins e Jorge, 2010 citado por Tomás e Fernandes, 2011).

De acordo com os mesmos autores, foi construída primeiramente a Declaração de Genebra, que se apresentava com o objetivo de proteção dos Direitos das crianças. A Assembleia Geral das Nações Unidas fundou também a Declaração Universal dos Direitos da Criança que visou salvaguardar os direitos das mesmas, em que os objetivos principais baseavam-se no facto de que todas as crianças tivessem um bom desenvolvimento físico, mental e social, bem como usufríssem de bem-estar, sem serem abandonadas ou exploradas. Além disso, também pudessem usufruir de uma moradia, uma adequada alimentação, assistência médica, além dos devidos cuidados e atenção da parte dos progenitores ou cuidadores. (Martins e Jorge, 2010 citado por Tomás e Fernandes, 2011).

Deste modo, os direitos à liberdade, educação e convívio social das crianças devem ser salvaguardados e estabelecidos em dez princípios (UNICEF, 2004), sendo nomeadamente os seguintes:

- (1) Afeição, amor e compreensão;
- (2) Alimentação apropriada e cuidados médicos;
- (3) Educação gratuita;
- (4) Verdadeiras oportunidades de recreio e diversão;
- (5) Um nome e uma nacionalidade;
- (6) Cuidados especiais no caso de deficiência;
- (7) Prioridade de auxílio, no caso de catástrofe ou acidente;
- (8) Aprender a ser um membro útil à sociedade e a desenvolver as suas capacidades individuais;
- (9) Crescer num clima de paz e fraternidade universal;
- (10) Usufruir de direitos, qualquer que seja a sua raça, cor, sexo, religião e origem nacional ou social.

Relativamente a maus tratos e segundo Magalhães (2010) os maus tratos à criança referem-se a ações ou omissões não acidentais praticadas pelos pais, cuidadores ou outros sujeitos que põem em perigo o bem-estar da criança, que ameaçam a sua dignidade, a sua segurança, o seu desenvolvimento biopsicossocial e afetivo.

De acordo com Pereira (1993) e confirmando o bem-estar infantil, o artigo 31º da Convenção dos direitos da criança identifica o direito ao repouso e aos tempos livres, bem como o direito da criança ter ingresso em atividades recreativas adequadas à sua idade e poder participar livremente na vida artística e cultural, promovendo-lhes uma melhor qualidade de vida. Assim, torna-se fundamental facultar à criança oportunidades de vida em que lhe seja possível atuar numa determinada exploração de si mesma, dos outros e dos contextos em que

se encontra inserida, para progressivamente iniciar um processo de descentração de si própria. Deste modo será depois capaz de se sentir como um sujeito particular no meio dos outros indivíduos (Pereira, 1993).

De acordo com vários autores (Essex et al, 2002; Crnic et al, 2005; Hart & Kelley, 2006; Van Zeijl et al, 2006, citados por Groneveld, Vermer, Van Ijzendoorn & Linting, 2010), o stresse parental pode ter efeitos negativos na saúde mental e no comportamento das crianças e segundo os mesmos autores o stresse parental tem sido associado ao desenvolvimento sócio emocional das mesmas.

O stresse maternal tem sido associado a um maior número de problemas de saúde mental e comportamental das crianças afetando o seu bem-estar. (Groneveld et. al, 2010).

Como forma de relacionar o bem-estar infantil e consequente qualidade de vida com a influência dos acontecimentos de vida stressantes e negativos, citamos um estudo realizado na região algarvia por Pereira, Nunes, Lemos, Ayala Nunes (2011), em que participaram 364 adolescentes entre os 12 e os 18 anos, sendo o objetivo do estudo analisar os acontecimentos de vida negativos das crianças/adolescentes e o seu relacionamento com a qualidade de vida percebida. Como resultados finais do estudo, os acontecimentos de vida mais marcantes para estes participantes foram alterações de colegas de turma (46,72%), morte de um familiar (34,97%), mudança de estabelecimento escolar (30,05%), brigas/zangas (28,69%) e doenças graves na família (28,69%).

No estudo foi constatado que as raparigas sofriam de maior impacto emocional enquanto os rapazes apresentavam mais acontecimentos de vida stressantes. Esta investigação permitiu interessantemente detetar correlações positivas entre a qualidade de vida e o número de acontecimentos de vida negativos e stressantes.

Relativamente a outra investigação, no ano de 2010, Portugal aderiu ao estudo internacional colaborativo adotado pela Organização Mundial de Saúde, Projeto Kidscreen –

Aventura Social; Proteção e Promoção da Qualidade de Vida relacionada com a saúde em crianças e adolescentes e os resultados finais indicaram que os jovens portugueses apresentavam bem-estar. (Gaspar e Matos, 2008 citado por Magalhães, 2010).

Num estudo de Álvarez-Dardet e Hidalgo Garcia (2008), intitulado “Uma análise dos acontecimentos vitais stressantes durante a adolescência”, o objetivo do estudo foi analisar o stress psicossocial experimentado pelos adolescentes. Os resultados finais do estudo indicaram como os mais relatados, os acontecimentos vitais stressantes durante a adolescência especialmente relacionados com o âmbito familiar e escolar.

Um estudo de Groeneveld et. al (2010) permitiu concluir que as crianças se sentem menos à vontade na presença de pais ou cuidadores que estejam mais stressados. Este estudo permitiu concluir que o stress parental na assistência à criança está associado a um menor bem-estar infantil. E tanto os pais ou cuidadores como as crianças beneficiariam muito da redução dos níveis de stress.

Quando se instala uma maior tensão e conflitos na relação e ambiente conjugal, os pais tendem a ser mais rígidos, menos facilitadores, menos flexíveis no âmbito da autonomia das crianças e também menos afetivos, menos calorosos com os filhos. O que depois poderá repercutir-se negativamente noutros contextos e dimensões da vida da criança em que esta poderá manifestar tendências depressivas, resultados académicos mais fracos, entre outros fatores. (Ausloos, 2003).

2.Perguntas de investigação e objetivos

2. .1.Perguntas de investigação

As perguntas de investigação que nortearam este estudo foram:

Que variáveis sociodemográficas estão associadas a um maior stresse parental?

Que variáveis sociodemográficas estão associadas a um maior bem-estar infantil?

Que relações existem entre o stresse parental e o bem-estar infantil?

Quais as relações entre os acontecimentos de vida negativos e stressantes, o stresse parental e o bem-estar infantil?

2.2. Objetivo geral

O presente estudo tem como objetivo investigar e analisar a influência do stresse parental no bem-estar infantil.

2.3. Objetivos específicos

Foram delineados para este estudo os seguintes objetivos específicos:

Analisar as relações entre acontecimentos de vida stressantes e stresse parental.

Analisar as variáveis sociodemográficas que estão associadas a um maior stresse parental.

Analisar as relações que existem entre stresse parental e bem-estar infantil.

3. Método

3. Método

Neste capítulo são descritos os métodos utilizados que permitiram obter respostas relativamente às questões de investigação. Este é um estudo exploratório, transversal, descritivo e correlacional.

3.1. Participantes

Os participantes foram 23 mães, 11 pais e 1 madrasta com idades compreendidas entre os 24 e os 57 anos ($M = 38,34$; $DP = 8,16$), com processo ativo nas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em Risco, no Distrito de Faro.

Os participantes foram selecionados com os seguintes critérios: (1) ter um filho menor de 18 anos de idade, com processo ativo numa CPCJ; (2) experienciar múltiplos problemas e situações de risco por parte das suas crianças, que embora importante, não apresentasse suficiente severidade para retirar a criança do lar.

3.2. Instrumentos

De acordo com os objetivos propostos no presente estudo foram utilizados os instrumentos seguintes: O Kidscreen-27, o *Parenting Stress Index – Short Form* (PSI-SF) e o Inventário de Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco (*ISER*).

- **- *Parenting Stress Index – Short Form (PSI-SF)***

Foi desenvolvido por Abidin (1995) e avalia o stresse experienciado pelo sujeito no exercício do seu papel parental facultando uma medida da intensidade do stresse parental.

O *PSI-SF* é uma versão abreviada da escala PSI, constituída por 36 itens que fornece informação sobre o stresse parental percebido incluindo três subescalas: Distresse Parental

(DP, 12 itens); Interação Disfuncional Progenitor-Criança (ID, 12 itens); Domínio Criança (DC, 12 itens). Trata-se de um instrumento de autopreenchimento, onde os itens são respondidos numa escala de 5 pontos (1= «discordo totalmente» a 5= «concordo totalmente»). A versão reduzida do instrumento *Parenting Stress Index – Short Form (PSI-SF)* foi adaptada à população portuguesa por Santos (2008). Avalia três dimensões que o autor Abidin definiu as principais potenciadoras de stresse sendo designadamente: (a) características da criança (e.g.,temperamento) e percepção parental das características da criança e do seu impacto na figura parental, (b) características da figura parental, personalidade, contexto relacional e social, e (c) stresse da vida situacional que inclui acontecimentos de vida que poderão influenciar a parentalidade e levar a um funcionamento parental negativo (Abidin & Santos 2003).

A escala como foi referido anteriormente é constituída por três domínios, relativos a fontes específicas de stresse: o domínio dos pais, que avalia o nível de stresse consequente das exigências de educar uma criança (ex: “Muitas vezes sinto que me desenvencilho mal das coisas que me vão acontecendo”); o domínio da interação pais-filhos, que avalia a insatisfação parental com as interações com o seu filho (ex: “O meu filho raramente faz coisas que me façam sentir bem”); e o domínio da criança, que avalia as percepções parentais das habilidades autorreguladoras da criança (ex: “Parece-me que o meu filho chora mais e faz mais barulho do que a maioria das crianças”).

O alfa de Cronbach para a subescala autonomia e relação com os pais é de 0,710, para o suporte social é de 0,885 e para a subescala ambiente escolar é de 0,776.

- - **Kidscreen**

O *Kidscreen – 27*, é um questionário que foi desenvolvido para avaliar a qualidade de vida relacionada com a saúde (HRQOL), de crianças e adolescentes, a partir dos conceitos

sobre saúde, bem-estar e qualidade de vida. O KIDSCREEN encontra-se disponível em versão para crianças e adolescentes, assim como uma versão para pais (The European Kidscreen Groupe, 2006). O questionário é constituído por 27 itens preenchidos numa escala de 5 pontos (1=nada a 5=totalmente). A versão reduzida compreende cinco dimensões.

O Kidscreen é um instrumento transcultural, em que as suas dimensões descrevem a qualidade de vida relacionada com a saúde: saúde e atividade física (ex: “O seu filho sentiu-se bem e em forma”), sentimentos (ex: “O seu filho sentiu a vida agradável?”), estado de humor geral (ex: “O seu filho divertiu-se?”), auto-perceção (ex: “O seu filho sentiu-se sozinho?”), tempo livre, família e ambiente familiar (ex: “O seu filho pode falar com vocês quando quis?”), questões económicas (ex: (O seu filho sentiu que teve dinheiro suficiente para as suas próprias despesas?”), amigos (ex: (“Acha que o seu filho foi capaz de confiar nos amigos?”), ambiente escolar e aprendizagem e provocação (ex: “O seu filho foi bom aluno na escola?”).

O coeficiente de alfa de Cronbach para a escala total é de 0,88 revelando boa consistência interna.

- **- *Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Atuais e Passados (ISER)***

No presente estudo foi utilizada a versão portuguesa (Nunes et al., 2013), do *Inventario de Situaciones Estresantes y de Riesgo (ISER)* de Hidalgo e colaboradores (2005). Inclui 24 itens e avalia a existência de acontecimentos especialmente difíceis ocorridos no passado e no presente, ao sujeito ou a alguém do seu ambiente próximo, bem como o impacto emocional que os mesmos tiveram na sua vida, numa escala de 1 a 3 pontos. Por exemplo: “Ser vítima de maltrato” (1 = “afetou-me pouco”; 2 = afetou-me bastante”; 3 = “afetou-me muitíssimo”). Esta escala permite ainda, obter índices sobre a acumulação de situações de risco e da vulnerabilidade emocional associada. Avalia a existência de acontecimentos especialmente

difíceis ocorridos no passado e no presente, ao sujeito ou a alguém do seu ambiente próximo, bem como o impacto emocional que os mesmos tiveram na sua vida.

O Coeficiente de Cronbach para a escala total (ISER) é de 0,78 (alfa=0,78).

3.3. Procedimentos

3.3.1. Recolha de dados

Para a realização do estudo foi estabelecido um protocolo de colaboração com várias Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ) do distrito de Faro, onde se apresentou o projeto de forma a solicitar a recolha de dados junto das famílias com processo de promoção e proteção. Após a obtenção do consentimento informado, os dados foram recolhidos nas instalações das CPCJ ou em visita domiciliária através de uma entrevista, devido ao nível de literacia da maioria dos participantes e teve uma duração média de 1,30h. Em todo o processo de investigação procurou-se seguir uma rigorosa conduta ética, garantindo a confidencialidade, o anonimato, a dignidade, o respeito pelos participantes e salientando o carácter voluntário da participação.

A recolha dos dados foi realizada por vários colaboradores da equipa de investigação coordenada pela Professora Doutora Maria Cristina Nunes, individualmente junto das mães e pais, de acordo com as suas disponibilidades.

3.3.2. Análise dos dados

Para o tratamento dos dados, utilizaram-se os programas SPSS e o Excel. Realizou-se uma análise descritiva para traçar o perfil sociodemográfico das famílias em estudo. Utilizaram-se frequências absolutas, relativas, médias, desvio-padrão, máximos e mínimos. Para analisar as relações entre as dimensões em estudo efetuaram-se análises univariadas e bivariadas.

Realizaram-se contrastes de médias com a ANOVA e com os testes de *Mann-Whitney* e *Kruskal-Wallis* quando não se cumpriram os requisitos para a utilização de Estatística paramétrica. Para a comparação de proporções utilizou-se o Qui-quadrado. Utilizaram-se igualmente as correlações de *Pearson* e de *Spearman* para analisar o sentido das relações entre as variáveis.

4.Apresentação dos resultados

4. Apresentação dos resultados

4.1. Dados Sociodemográficos e Familiares

A amostra do presente estudo é constituída por 35 participantes, 24 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 24 e os 57 anos, com uma média de 38,34 (DP=8,16).

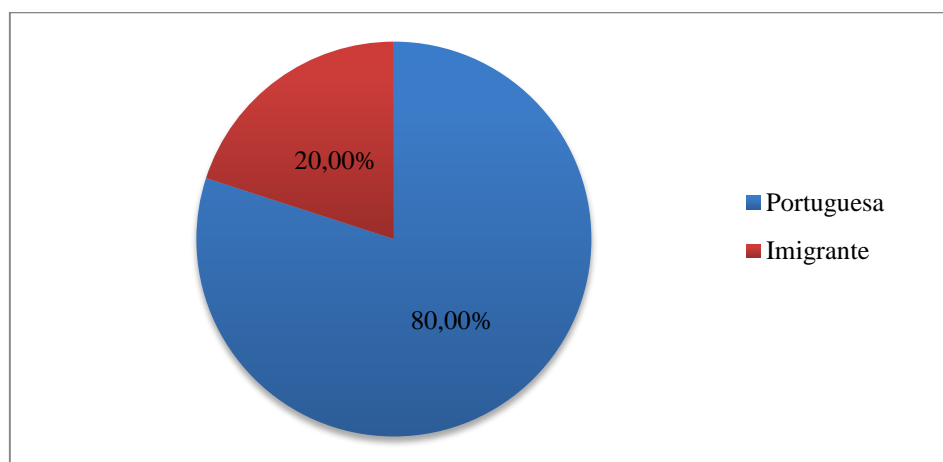


Figura 1. Nacionalidade dos participantes

Na Tabela 2 apresentámos as principais características sociodemográficas dos participantes.

Tabela 2. Dados sociodemográficos dos participantes.

	<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade dos participantes	24	57	38,34	8,16
Idade Conjugue	24	57	40,82	8,71
Nº de filhos	1	5	2,66	1,08
Nº menores no lar	1	4	2,23	0,94
Nº menores de 14 anos no lar	1	4	2	0,84
Nº pessoas no lar	2	7	4,17	1,44
Rendimentos Familiares	180	2.000,00	771,42	438,25
Idade do menor	6	11	8,37	1,33

O número de filhos por família varia entre um e cinco, havendo em cada família uma média de cerca de 3 filhos ($DP = 1,08$), dos quais, em média, 2 são menores. As idades dos filhos variam entre 6 e 11 anos ($M = 8,37$; $DP = 1,33$).

No que respeita aos rendimentos familiares, verificámos que as famílias recebem no mínimo 180 euros e no máximo 2.000 euros, sendo o rendimento médio de 771,42 euros ($DP = 438,25$).

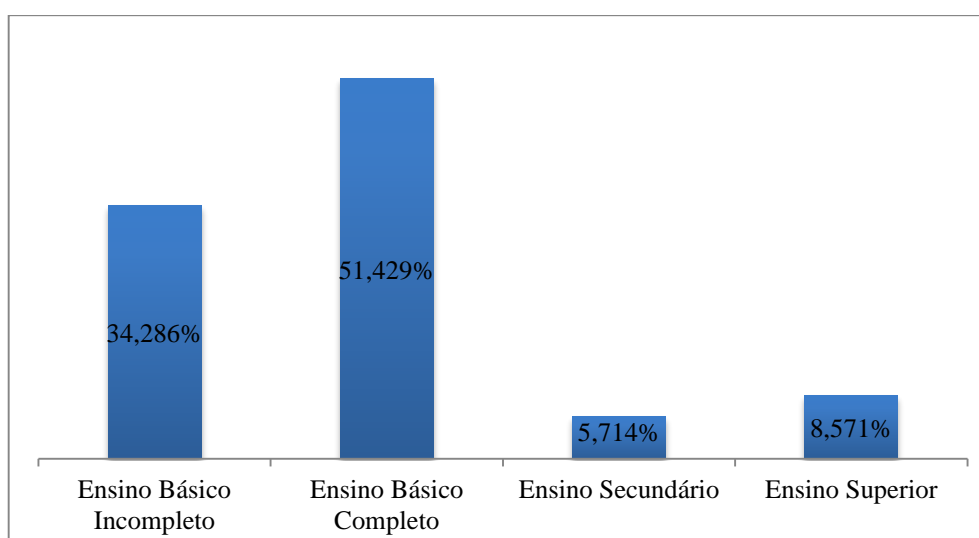


Figura 2. Nível educativo dos participantes.

Como se pode observar na Figura 2, o nível educativo dos participantes é bastante baixo pois apenas 5,71% tinha completado o ensino secundário e 8,57% o ensino superior.

Quanto à qualificação / situação profissional dos participantes, a maioria são ativos e desempregados (42,9%) e 37,1% encontram-se ativos e empregados (Fig. 3).

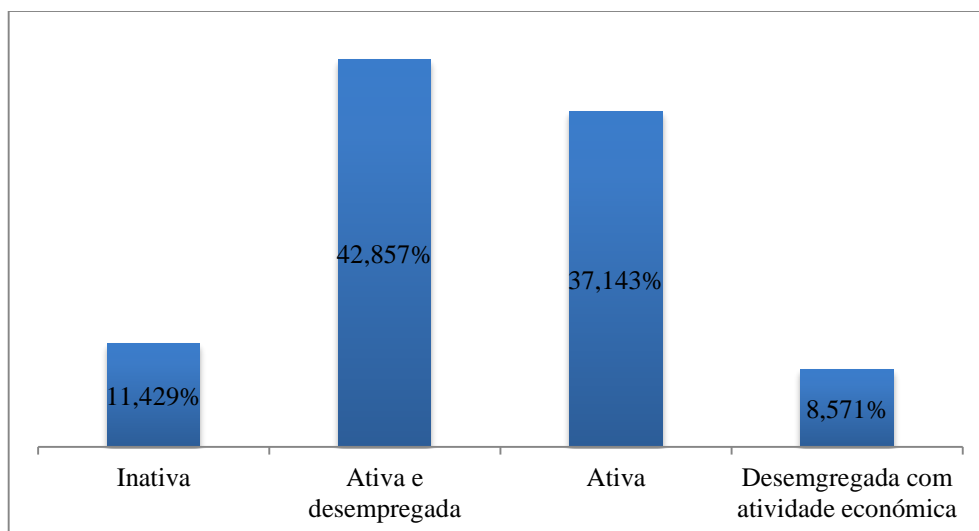


Figura 3. Qualificação profissional dos participantes.

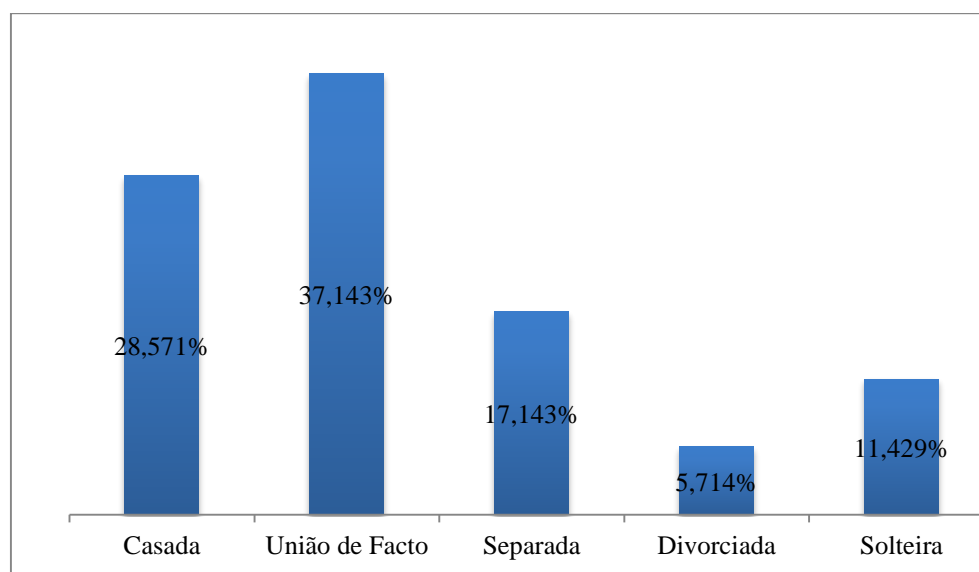


Figura 4. Situação Conjugal dos participantes.

Quanto à situação conjugal dos participantes, observámos que a maioria se encontra em união de facto (37,1%) e casados (28,6%) (Fig. 4).

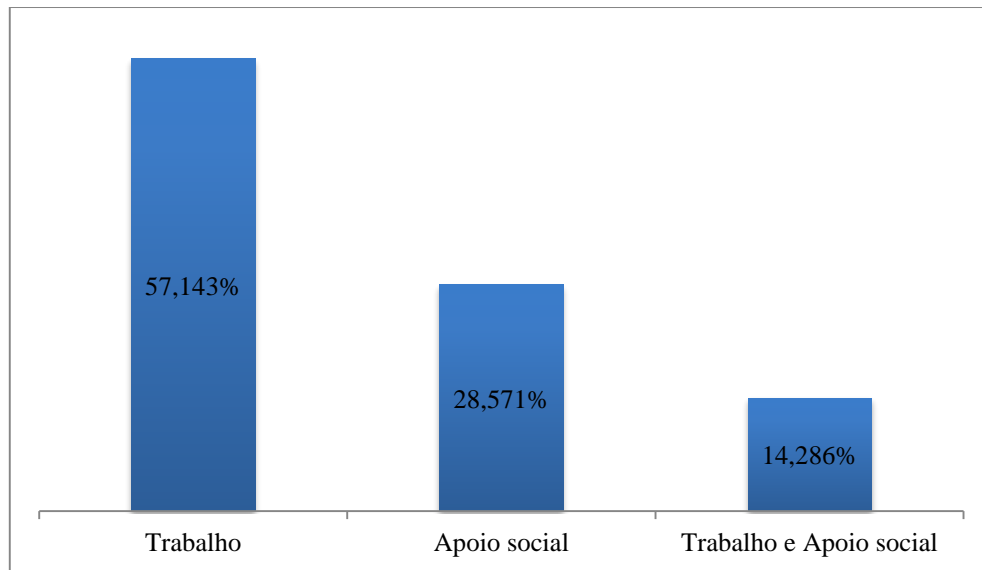


Figura 5. Rendimentos e apoio social dos participantes.

Quanto aos rendimentos dos participantes, observámos que (57,1%) provem do trabalho, (28,6%) de apoio social e (14,3%) do trabalho e apoio social. (Fig. 5).

4.2.Níveis dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados

Na Figura 6, apresentamos os dados relativos aos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Passados dos participantes e do ambiente familiar próximo dos mesmos.

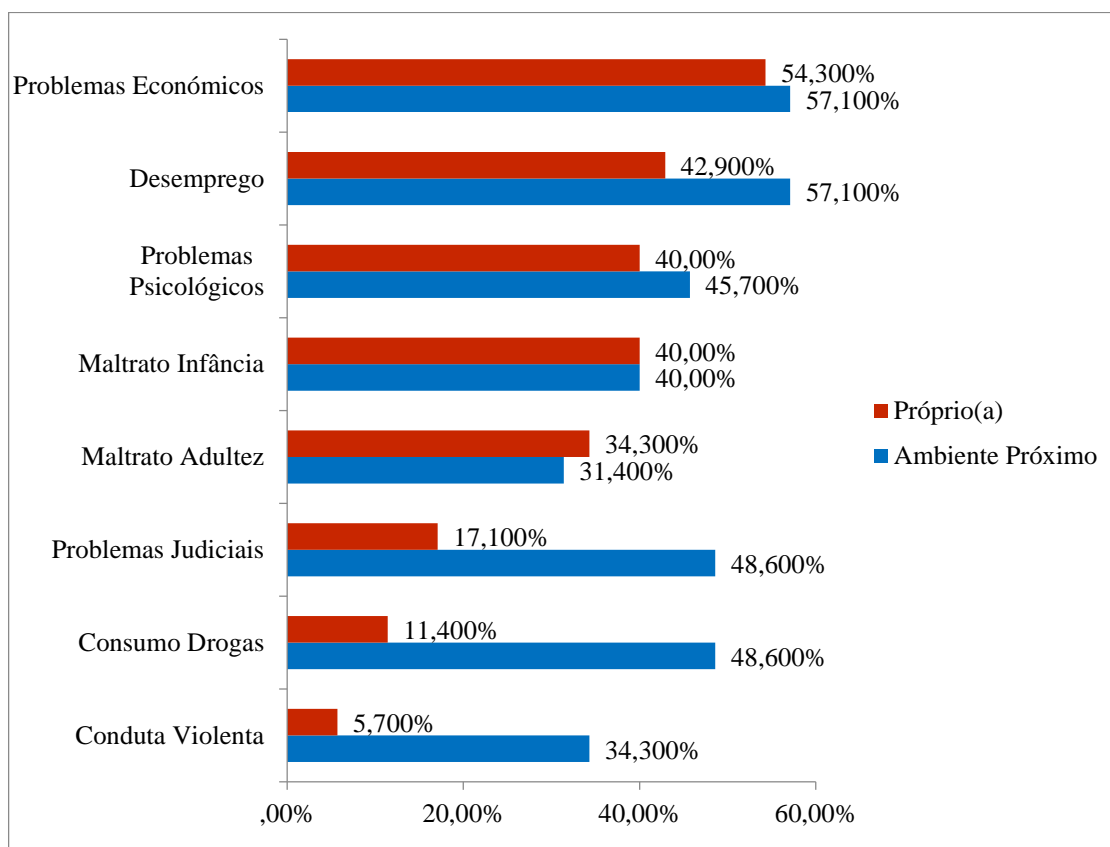


Figura 6. Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Passados

Relativamente aos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Passados (Figura 6), verificámos que o tipo de problemas vivenciados pelo próprio(a) foram económicos (54,3%), desemprego (42,9%) e, com as mesmas pontuações, psicológicos (40,0%) e maltrato na infância (40,0%).

Ainda na Figura 6 observámos que o tipo de problemas, mais comuns, no passado do ambiente próximo dos participantes foram, com a mesma percentagem (57,1%), problemas económicos e desemprego, seguidamente por, e também com pontuações idênticas (48,6%), problemas judiciais e consumo de drogas e, por fim, problemas psicológicos (45,7%) e maltrato na infância (40,0%).

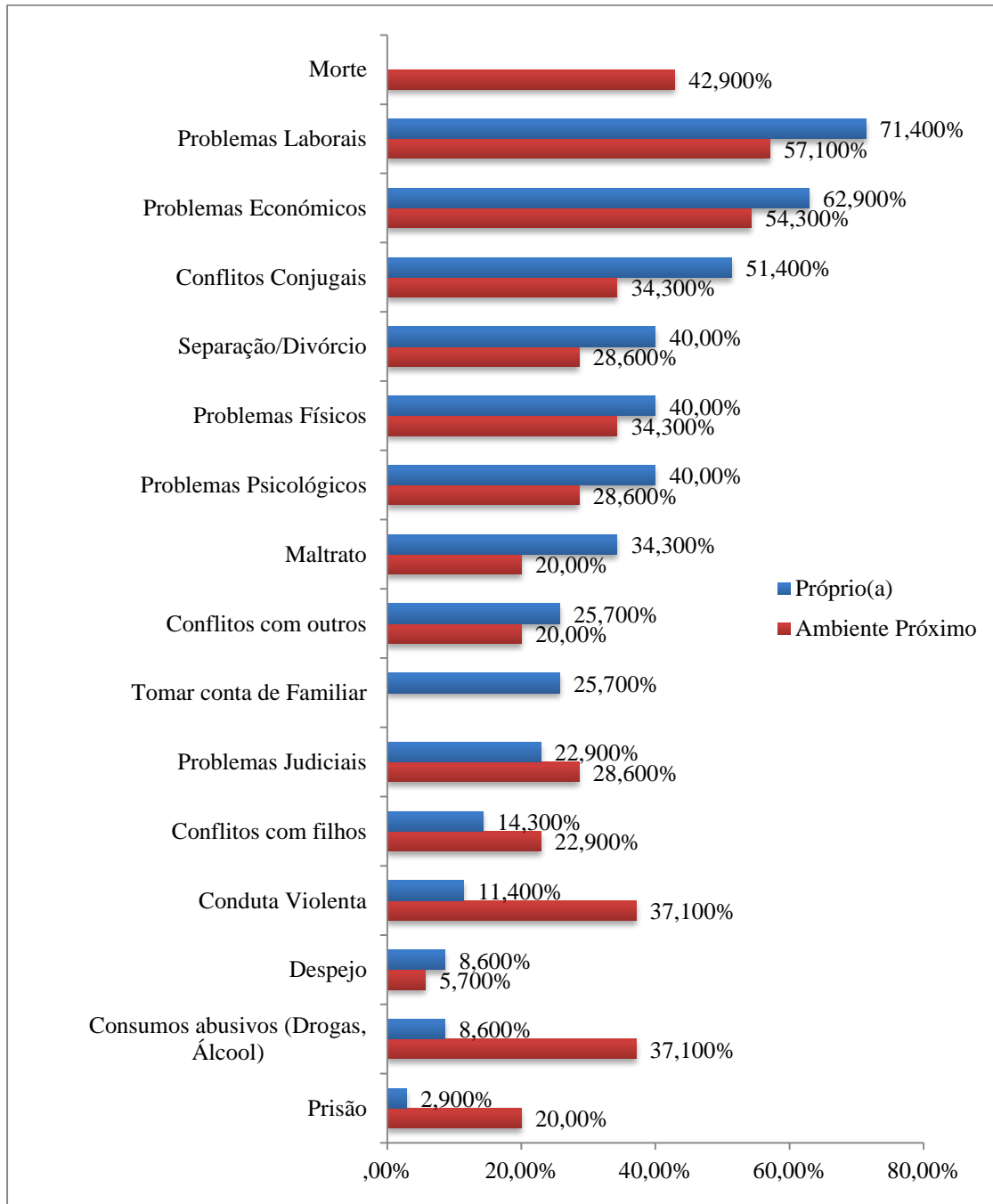


Figura 7. Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Atuais

No que concerne ao número de Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Atuais vivenciados pelo próprio(a), através da Figura 7 observámos que os problemas mais relatados, por mais de metade dos participantes, foram laborais (71,4%), económicos (62,9%) e conflitos conjugais (51,4%). Seguidamente, a separação e/ou divórcio, os problemas psicológicos e os físicos, surgem com o mesmo valor de percentagem (40,0%).

No que diz respeito ao tipo de problemas existentes no ambiente próximo dos participantes (Figura 7), verificámos que os problemas mais comuns foram laborais (57,1%), económicos (54,3%), morte (42,9%) e, com a mesma pontuação (37,1%), conduta violenta e consumos abusivos de álcool e/ou drogas.

Tabela 3. Descritivos das dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados, (Risco Total) (N=35)

		M	DP	Mínimo	Máximo
ISER Passado	Risco Passado Total	6,09	3,88	0	16
	<i>Risco Passado Próprio(a)</i>	2,46	1,85	0	8
	<i>Risco Passado do Ambiente Próximo</i>	3,63	2,46	0	8
ISER Presente	Risco Atual Total	9,43	4,32	0	19
	<i>Risco Atual do Próprio(a)</i>	4,60	2,49	0	10
	<i>Risco Atual do Ambiente Próximo</i>	4,83	2,56	0	10
	Afetação Atual Total	23,37	11,67	0	49
	<i>Afetação do Próprio(a)</i>	11,77	6,70	0	30
	<i>Afetação do Ambiente Próximo</i>	11,60	7,16	0	30

Como podemos observar na Tabela 3, na dimensão Risco Passado Total, as pontuações oscilam entre os 0 e 16 pontos, com um desvio-padrão de 3,88 e um valor médio igual a 6,09.

Quanto à dimensão Risco Passado do Próprio(a), os sujeitos experienciaram, em média, sensivelmente três acontecimentos de vida stressantes e de risco no passado ($M = 2,46$), num intervalo de 0 a 8 pontos e com um desvio-padrão igual a 1,85.

Ainda na Tabela 3 observámos que, no Risco Passado do Ambiente Próximo, os valores também oscilam entre 0 e 8 pontos, enquanto a dispersão das respostas corresponde a 2,46 pontos. Em média, os participantes relataram que, no passado do respetivo ambiente próximo, ocorreram aproximadamente quatro acontecimentos de vida stressantes e de risco ($M = 3,63$).

No que diz respeito ao Risco Atual Total (Tabela 3), observámos que as pontuações variam entre os 0 e os 19 pontos, o desvio-padrão é de 4,32 e o valor médio dos participantes corresponde a 9,43 pontos.

Na dimensão Risco Atual do Próprio(a), os participantes obtiveram valores médios de 4,60 pontos, num intervalo de 0 a 10 acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais, onde a dispersão das respostas foi igual a 2,49 pontos.

Ainda observámos que, na dimensão Risco Atual do Ambiente Próximo, comparativamente ao Risco Atual do Próprio(a), a dispersão é ligeiramente maior ($DP = 2,56$). As pontuações médias desta dimensão foram igualmente superiores ($M = 4,83$), enquanto a amplitude das respostas foi idêntica ($Min = 0$; $Max = 10$).

A dimensão da Afetação Atual Total apresenta uma amplitude considerável nas respostas, uma vez que os valores oscilam entre os 0 e os 49 pontos e o desvio-padrão é de 11,67. Em média, os participantes apresentaram níveis de afetação total igual a 23,37 pontos.

Ainda na Tabela 3, relativamente à dimensão Afetação Atual do Próprio(a), averiguámos que as pontuações oscilam entre os 0 e os 30 pontos e o desvio-padrão corresponde a 6,70 pontos. Em média, os sujeitos revelaram índices de afetação iguais a 11,77 pontos.

Na Afetação do Ambiente Próximo constatámos uma amplitude das respostas (Min = 0; Max = 30) idêntica à dimensão Afetação do Próprio(a), enquanto a dispersão foi ligeiramente superior (DP = 7,16). Em média, os participantes relataram índices de afetação relativos ao ambiente próximo de 11,60 pontos.

Na tabela seguinte podemos observar as relações entre as dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Passados e Atuais, dos participantes e do respetivo ambiente próximo.

Tabela 4. Correlações entre as dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados (N=35)

		ISER Passado			ISER Presente					
		Risco Passado Total	Risco Passado Próprio(a)	Risco Passado do Ambiente Próximo	Risco Atual Total	Risco Atual do Próprio(a)	Risco Atual do Ambiente Próximo	Afetação Atual Total	Afetação do Próprio(a)	Afetação do Ambiente Próximo
ISER Passado	Risco Passado Total	—	,863***	,925***	,507**	,446**	,422**	,585***	,514***	,472**
	Risco Passado Próprio(a)		—	,606***	,324*	,405**	,153	,431**	,478**	,256#
	Risco Passado do Ambiente Próximo			—	,555***	,398**	,549***	,596***	,449**	,550***
ISER Presente	Risco Atual Total				—	,851***	,860***	,914***	,816***	,725***
	Risco Atual do Próprio(a)					—	,464**	,736***	,926***	,332*
	Risco Atual do Ambiente Próximo						—	,827***	,477**	,900***
	Afetação Atual Total							—	,830***	,853***
	Afetação do Próprio(a)								—	,416**
	Afetação do Ambiente Próximo									—

* $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$; # $p < ,10$

Na Tabela 4 averiguámos a existência de correlações estatisticamente significativas e positivas entre praticamente todas as dimensões constituintes do ISER, Passado e Atual, onde a maioria das associações é moderada a muito forte ($r > ,40$). No entanto, podemos ainda observar

que as associações entre o Risco Passado do Próprio(a) e o Risco Atual Total ($r_{(35)} = ,324$; $p = ,029$), entre o Risco Atual do Próprio(a) e Risco Passado do Ambiente Próximo ($r_{(35)} = ,398$; $p = ,009$) e, entre o Risco Atual do Próprio(a) e a Afetação do Ambiente Próximo ($r_{(35)} = ,332$; $p = ,026$) são fracas ($,20 < r < ,40$). Importa ainda referir que o Risco Passado Próprio(a) não apresenta correlações significativas ($p > ,50$) com o Risco Atual do Ambiente Próximo e Afetação do Ambiente Próximo.

Tabela 5. Comparação das médias, desvio-padrão nas dimensões Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados, em função do sexo dos participantes, teste *Mann-Whitney*¹, significância e efeito

		Masculino (n = 11)	Feminino (n = 24)			
		M (DP)	M (DP)	U	P	R
ISER Passado	Risco Passado Total	5,00 (4,02)	6,58 (3,79)	92,00	<u>,079</u>	-,241
	<i>Risco Passado do Próprio(a)</i>	1,91 (2,30)	2,71 (1,60)	84,00	,043	-,294
	<i>Risco Passado do Ambiente Próximo</i>	3,09 (2,12)	3,88 (2,61)	106,50	,185	-,154
ISER Presente	Risco Atual Total	7,73 (4,92)	10,21 (3,88)	98,00	,116	-,205
	<i>Risco Atual do Próprio(a)</i>	4,00 (2,65)	4,88 (2,42)	117,50	,307	-,088
	<i>Risco Atual do Ambiente Próximo</i>	3,73 (2,57)	5,33 (2,44)	89,50	<u>,066</u>	-,258
	Afetação Total	18,64 (12,05)	25,54 (11,07)	100,50	,135	-,189
	<i>Afetação do Próprio(a)</i>	10,27 (7,14)	12,46 (6,53)	127,50	,441	-,027
	<i>Afetação do Ambiente Próximo</i>	8,36 (5,61)	13,08 (7,41)	91,00	<u>,074</u>	-,247

Na Tabela 5, podemos verificar que as mulheres ($Mdn = 3,00$) apresentam valores significativamente mais elevados do que os homens ($Mdn = 1,00$) quanto aos acontecimentos de vida stressantes e de risco passados do próprio ($U = 84,00$; $z = -1,74$; $p = ,043$; $r = -,294$), porém o tamanho do efeito é pequeno ($r < ,30$).

Nas restantes variáveis não há diferenças significativas entre os participantes do sexo masculino e feminino. No entanto, apesar de não ser significativo ($p > ,05$), observam-se efeitos de pequena magnitude no Risco Passado Total ($U = 92,00$; $z = -1,43$; $p = ,079$; $r = -,241$), no Risco Atual do Ambiente Próximo ($U = 89,50$; $z = -1,52$; $p = ,066$; $r = -,258$) e na Afetação do Ambiente Próximo ($U = 91,00$; $z = -1,46$; $p = ,074$; $r = -,247$), em que as mulheres ($Mdn =$

¹ No teste *Mann-Whitney*, a magnitude do efeito calcula-se de acordo com a seguinte fórmula: $r = \frac{Z}{\sqrt{N}}$; onde Z corresponde ao Z-score que o SPSS produz e N refere-se ao tamanho da amostra em que o Z está baseado. Assim, os valores de $\pm 0,1$ representam um efeito pequeno; $\pm 0,3$ representam um efeito moderado; e, $\pm 0,5$ representam um efeito grande (Field, 2009).

7,50; $Mdn = 5,00$; $Mdn = 10,00$) apresentam valores superiores comparativamente aos homens ($Mdn = 5,00$; $Mdn = 4,00$; $Mdn = 10,00$).

Tabela 6. Correlações entre as dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados, e as variáveis sociodemográficas (N=35)

	ISER Passado			ISER Presente					
	Risco Passado Total	Risco Passado Próprio(a)	Risco Passado do Ambiente Próximo	Risco Atual Total	Risco Atual do Próprio(a)	Risco Atual do Ambiente Próximo	Afetação Atual Total	Afetação do Próprio(a)	Afetação do Ambiente Próximo
Idade Próprio(a) ^(a)	-,268 [#]	-,145	-,313*	-,216	-,192	-,179	-,201	-,133	-,202
Idade Companheiro(a) ^(a)	-,167	-,068	-,226	,129	,059	,169	,055	,060	,035
Rendimentos ^(a)	-,032	-,126	,043	-,034	-,155	,093	-,136	-,202	-,033
Nível de Escolaridade ^(b)	-,009	,018	,002	,284*	,399**	,084	,164	,349*	-,016
Tipo de Trabalho Próprio(a) ^(b)	-,236	-,433*	-,062	,183	,171	,233	,127	,300	,036
Tipo de Trabalho Companheiro(a) ^(b)	-,220	-,271	-,178	-,132	-,264	,000	-,131	-,219	,000
Número de Filhos ^(a)	-,084	-,095	-,060	-,282 [#]	-,293*	-,191	-,285*	-,323*	-,162
Número de pessoas no agregado ^(a)	-,097	-,063	-,106	-,290*	-,226 [#]	-,270 [#]	-,330*	-,339*	-,221
Número de menores de 18 anos no agregado ^(a)	,075	,006	,114	-,270 [#]	-,249 [#]	-,215	-,316*	-,350*	-,187
Número de menores de 14 anos no agregado ^(a)	,054	-,113	,171	-,178	-,197	-,109	-,228 [#]	-,282 [#]	-,108
Idade Menor ^(a)	,324*	,335*	,259 [#]	,217	,286*	,088	,241 [#]	,280 [#]	,130
Número de Reprovações ^(a)	,295*	,354*	,198	-,090	,043	-,193	-,013	,109	-,124

* $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$; # $p < ,10$ ^(a) Correlação de *Pearson*; ^(b) Correlação de *Spearman*

No que diz respeito às relações entre as dimensões do ISER e as variáveis sociodemográficas (Tabela 6), podemos observar que o Risco Passado Total está relacionado significativa e positivamente com a idade do menor ($r_{(35)} = ,324$; $p = ,029$) e o número de reprovações do menor ($r_{(35)} = ,295$; $p = ,043$), como ainda apresenta correlações negativas e residuais com a idade do próprio(a) ($r_{(35)} = -,268$; $p = ,060$). Porém, a magnitude destas associações é fraca ($,20 < r < ,40$).

A dimensão Risco Passado Próprio(a), por sua vez, associa-se negativa e moderadamente ($,40 < r < ,60$) ao tipo de trabalho do próprio(a) ($r_{s(16)} = -,433; p = ,047$). Esta dimensão têm ainda correlações positivas, porém fracas ($,20 < r < ,40$), com a idade do menor ($r_{(35)} = ,335; p = ,025$) e o número de reprovações do menor ($r_{(35)} = ,354; p = ,018$).

Ainda na Tabela 6, observámos que o Risco Passado do Ambiente Próximo tem associações significativas e negativas com a idade do próprio(a) ($r_{(35)} = -,313; p = ,034$), como também correlações residuais e positivas com a idade do menor ($r_{(35)} = ,259; p = ,067$). No entanto, a magnitude destas associações é fraca ($,20 < r < ,40$).

O Risco Atual Total (Tabela 6) está relacionado positivamente com o nível de escolaridade dos participantes ($r_{s(35)} = ,284; p = ,049$) e negativamente com o número de pessoas no agregado familiar ($r_{(35)} = -,290; p = ,045$). Esta dimensão também têm associações residuais e negativas com o número de filhos ($r_{(35)} = -,282; p = ,050$) e o número de menores de 18 anos no agregado familiar ($r_{(35)} = -,270; p = ,058$). Porém, todas as correlações mencionadas são fracas, uma vez que o valor do r situa-se entre os 0,20 e os 0,40.

Podemos constatar ainda na Tabela 6 que o Risco Atual do Próprio(a) está associado significativa e positivamente ao nível de escolaridade ($r_{s(35)} = ,399; p = ,009$) e à idade do menor ($r_{(35)} = ,286; p = ,048$), como também negativamente ao número de filhos ($r_{(35)} = -,293; p = ,044$). A subescala em questão apresenta ainda correlações residuais e negativas com o número de pessoas no agregado familiar ($r_{(35)} = -,226; p = ,096$) e o número de menores de 18 anos no agregado familiar ($r_{(35)} = -,249; p = ,075$). Contudo, as associações referidas acima são todas fracas ($,20 < r < ,40$).

Por sua vez, a subescala Risco Atual do Ambiente Próximo tem apenas correlações residuais, negativas e fracas ($,20 < r < ,40$) com o número de pessoas no agregado familiar ($r_{(35)} = -,270$; $p = ,058$).

A Afetação Atual Total, ainda na Tabela 6, está correlacionada negativamente com o número de filhos ($r_{(35)} = -,285$; $p = ,048$), o número de pessoas no agregado familiar ($r_{(35)} = -,330$; $p = ,026$) e o número de menores de 18 anos no agregado familiar ($r_{(35)} = -,316$; $p = ,032$). Esta dimensão também apresenta correlações residuais com o número de menores de 14 anos no agregado familiar ($r_{(35)} = -,228$; $p = ,094$) e a idade do menor ($r_{(35)} = ,241$; $p = ,082$), sendo a relação negativa no primeiro e positiva no segundo. Além disso, a magnitude destas associações é fraca, já que o valor de r situa-se entre os 0,20 e os 0,40.

Por último, a Afetação do Próprio(a) associa-se positivamente ao nível de escolaridade ($r_{(35)} = ,349$; $p = ,020$) e negativamente ao número de filhos ($r_{(35)} = -,323$; $p = ,029$), ao número de pessoas no agregado familiar ($r_{(35)} = -,339$; $p = ,023$) e ao número de menores de 18 anos no agregado familiar ($r_{(35)} = -,350$; $p = ,020$). Esta subescala tem ainda associações residuais com o número de menores de 14 anos no agregado familiar ($r_{(35)} = -,282$; $p = ,050$) e a idade do menor ($r_{(35)} = ,280$; $p = ,052$), sendo a relação negativa no primeiro e positiva no segundo. Contudo, todas as correlações supramencionadas são fracas ($,20 < r < ,40$).

Importa ainda referir que a dimensão Afetação do Ambiente Próximo não apresenta correlações significativas com as variáveis sociodemográficas e familiares.

4.3. Níveis de Stresse Parental

De seguida, iremos explorar os níveis de stresse parental dos participantes, através da análise das pontuações totais no instrumento PSI, bem como as pontuações obtidas nas respetivas subescalas, nomeadamente Distress Parental, Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança e Criança Difícil. Assim, na tabela seguinte, apresentámos os descritivos gerais das dimensões supramencionadas.

Tabela 7. Descritivos das dimensões do Stresse Parental (PSI) (N=35)

	M	DP	Mínimo	Máximo
Stresse Parental (Total)	84,11	19,86	49	124
<i>Distress Parental</i>	30,54	8,09	18	45
<i>Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança</i>	23,77	7,12	12	42
<i>Criança Difícil</i>	29,80	10,43	14	51

Na Tabela 7 verificámos, relativamente ao Stresse Parental (pontuação total), uma elevada amplitude nas respostas, já que os valores oscilam entre os 49 e os 124 pontos e o desvio-padrão é de 19,86 pontos. Em média, os sujeitos apresentaram um índice de Stresse Parental igual a 84,11 pontos.

No que diz respeito à subescala Distress Parental (Tabela 7), o valor médio dos participantes é de 30,54 pontos, num intervalo de 18 a 45 pontos, e a dispersão das respostas corresponde a 8,09.

Ainda na Tabela 7, constatámos que, na Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança, as pontuações variam entre os 12 e os 42 pontos e o desvio-padrão é igual a 7,12. Em média, os participantes revelaram um nível de interação disfuncional de 23,77 pontos.

Como podemos observar na Tabela 7, na subescala Criança Difícil, a amplitude das respostas é de 37 pontos (Min = 14; Max = 51) e o desvio-padrão corresponde a 10,43 pontos, sendo os valores superiores às restantes subescalas do PSI. Nesta subescala, os participantes apresentaram um valor médio de 29,80.

Tabela 8. Correlações entre o Stresse Parental (PSI) e as respetivas subescalas (N=35)

	Stresse Parental (Total)	<i>Distress Parental</i>	<i>Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança</i>	<i>Criança Difícil</i>
Stresse Parental (Total)	—	,647***	,821***	,843***
<i>Distress Parental</i>		—	,331*	,230 [#]
<i>Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança</i>			—	,625***
<i>Criança Difícil</i>				—

* $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$; # $p < ,10$

Na Tabela 8 podemos observar que o Stresse Parental (i.e., pontuação total do PSI) apresenta correlações muito significativas com as respetivas subescalas, cujo efeito das relações varia entre forte e muito forte, pois o valor de r é superior a 0,60.

A subescala Distress Parental, por sua vez, apresenta correlações positivas e significativas com a subescala Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança ($r_{(35)} = ,331$; $p = ,092$), porém positivas e residuais com a subescala Criança Difícil ($r_{(35)} = ,230$; $p = ,092$). Contudo, estas associações são fracas ($,20 < r < ,40$).

Tabela 9. Correlações entre o Stresse Parental (PSI), as respetivas subescalas e as variáveis sociodemográficas (N=35)

	Stresse Parental (PSI)			
	Stresse Total	Distress Parental	Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança	Criança Difícil
Idade Próprio(a) ^(a)	-,011	,049	-,069	-,011
Idade Companheiro(a) ^(a)	,198	,091	,167	,207
Rendimentos ^(a)	,003	-,083	,170	-,046
Nível de Escolaridade ^(b)	,203	,256 [#]	-,030	,141
Tipo de Trabalho Próprio(a) ^(b)	-,403 [#]	-,081	-,156	-,494*
Tipo de Trabalho Companheiro(a) ^(b)	-,394	-,044	-,262	-,481 [#]
Número de Filhos ^(a)	-,192	-,230 [#]	-,205	-,048
Número de pessoas no agregado ^(a)	-,055	-,207	,010	,049
Número de menores de 18 anos no agregado ^(a)	-,039	-,291*	,052	,116
Número de menores de 14 anos no agregado ^(a)	-,224 [#]	-,394**	-,123	-,037
Idade Menor ^(a)	,119	,060	,242 [#]	,014
Número de Reprovações ^(a)	,063	-,122	,215	,069

* $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$; # $p < ,10$

^(a) Correlação de *Pearson*; ^(b) Correlação de *Spearman*

O Stresse Parental não apresenta correlações significativas com as variáveis sociodemográficas, somente associações residuais e negativas com o tipo de trabalho do próprio(a) ($r_{s(16)} = -,403$; $p = ,061$) e o número de menores de 14 anos no agregado familiar ($r_{(35)} = -,224$; $p = ,098$). Na primeira, a magnitude é moderada ($,40 < r < ,60$), enquanto na segunda é fraca, visto que o valor do r situa-se entre os 0,20 e os 0,40.

A subescala Distress Parental, por sua vez, está relacionada negativamente com o número de menores de 18 anos no agregado familiar ($r_{(35)} = -,291$; $p = ,045$) e o número

de menores de 14 anos no agregado familiar ($r_{(35)} = -,394$; $p = ,010$). Esta subescala tem ainda correlações residuais com o nível de escolaridade dos participantes ($r_{s(35)} = ,256$; $p = ,026$) e o número de filhos ($r_{(35)} = -,230$; $p = ,092$), sendo a relação positiva no primeiro e negativa no segundo. No entanto, todas as associações supramencionadas são fracas, já que o r encontra-se situado entre os 0,20 e os 0,40.

Ainda na Tabela 9, podemos observar que a subescala Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança tem apenas correlações residuais e positivas com a idade do menor ($r_{(35)} = ,242$; $p = ,080$), sendo fraca a magnitude da mesma ($,20 < r < ,40$).

Por último, a subescala Criança Difícil está associada positiva e moderadamente ao tipo de trabalho do próprio(a) ($r_{s(16)} = -,494$; $p = ,026$), como ainda exhibe correlações residuais e negativas com o tipo de trabalho do companheiro(a) ($r_{s(12)} = -,481$; $p = ,057$). De modo semelhante, a magnitude desta última relação é moderada, uma vez que o valor do r situa-se entre os 0,40 e os 0,60.

Tabela 10. Comparação das médias, desvios-padrão no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, segundo o sexo dos participantes, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Masculino (n = 11)	Feminino (n = 24)			
	M (DP)	M (DP)	U	P	R
Stresse Parental (Total)	79,64 (20,00)	86,17 (19,88)	112,50	,250	-,117
<i>Distress Parental</i>	29,82 (8,41)	30,88 (8,10)	122,00	,366	-,060
<i>Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança</i>	23,18 (6,37)	24,04 (7,55)	127,50	,441	-,027
<i>Criança Difícil</i>	26,64 (10,55)	31,25 (10,27)	101,00	,139	-,187

No que diz respeito ao sexo dos participantes (Tabela 10), verificámos que não há diferenças significativas no Stresse Parental e nas restantes subescalas do PSI entre os homens e as mulheres.

Tabela 11. Comparação das médias, desvios-padrão no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, segundo se tem ou não companheiro(a), teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Sim (n = 26)	Não (n = 9)	U	P	R
	M (DP)	M (DP)			
Stresse Parental (Total)	83,46 (21,56)	86,00 (14,79)	100,50	,273	-,105
<i>Distress Parental</i>	29,54 (9,08)	33,44 (2,83)	85,50	,121	-,201
<i>Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança</i>	24,12 (7,65)	22,78 (5,54)	105,50	,338	-,073
<i>Criança Difícil</i>	29,81 (10,97)	29,78 (9,28)	109,50	,394	-,048

Na Tabela 11, relativamente à situação marital, não se observam diferenças significativas no Stresse Parental entre os participantes que têm companheiro(a) e os que não têm companheiro(a).

Tabela 12. Comparação das médias, desvios-padrão nas subescalas no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, segundo o tipo de família, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Monoparental (n = 13)	Biparental (n = 22)	U	P	R
	M (DP)	M (DP)			
Stresse Parental (Total)	88,62 (18,00)	81,45 (20,83)	108,50	,123	-,199
<i>Distress Parental</i>	33,38 (5,61)	28,86 (8,95)	100,00	<u>,073</u>	-,249
<i>Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança</i>	24,31 (7,99)	23,45 (6,72)	139,00	,450	-,023
<i>Criança Difícil</i>	30,92 (10,44)	29,14 (10,61)	126,50	,292	-,095

No que se refere ao tipo de família (Tabela 12), não se observaram diferenças significativas no Stresse Parental entre os participantes de famílias biparentais ou monoparentais.

No entanto, na subescala *Distress Parental*, apesar de não ser significativo, visto que o valor de *p* é superior a 0,05, observámos um efeito de pequena magnitude (*U* = 100,00; *z* = -1,47; *p* = ,073; *r* = -,249), onde os participantes de famílias biparentais

(*Mdn* = 27,00) apresentam índices mais baixos do que os sujeitos de famílias monoparentais (*Mdn* = 32,00).

Tabela 13. Comparação das médias, desvios-padrão nas subescalas no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, segundo o tipo de família biparental, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Intacta (n = 14)	Reconstituída (n = 8)			
	M (DP)	M (DP)	U	P	R
Stresse Parental (Total)	87,43 (21,24)	71,00 (16,34)	31,50	,049	-,357
<i>Distress Parental</i>	31,71 (9,33)	23,88 (5,84)	28,50	,030	-,401
<i>Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança</i>	24,29 (6,52)	22,00 (7,27)	43,50	,205	-,182
<i>Criança Difícil</i>	31,43 (10,70)	25,13 (9,82)	37,00	,102	-,277

Atendendo ao tipo de família biparental, na Tabela 13, verificámos que os participantes cujas famílias são intactas (i.e., nucleares) diferem significativamente dos sujeitos que provêm de famílias reconstituídas, no Stresse Parental ($U = 31,50$; $z = -1,67$; $p = ,049$; $r = -,357$) e na subescala Distress Parental ($U = 28,50$; $z = -1,88$; $p = ,030$; $r = -,401$), observando-se tamanhos do efeito moderados ($0,3 < r < ,50$).

Deste modo, os sujeitos que provêm de famílias intactas (*Mdn* = 89,00) apresentam índices mais elevados de stresse parental em comparação com os participantes que vivem em famílias biparentais reconstituídas (*Mdn* = 63,50).

Além disso, os participantes cujas famílias são intactas (*Mdn* = 34,00) apresentam menos distress parental em comparação com os que provêm de famílias reconstituídas (*Mdn* = 23,50).

Tabela 14. Comparação das médias, desvios-padrão nas subescalas no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, a estabilidade dos rendimentos familiares, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Estável (n = 22)	Instável (n = 13)	U	P	R
	M (DP)	M (DP)			
Stresse Parental (Total)	80,09 (20,32)	90,92 (17,76)	95,00	<u>,052</u>	-,277
<i>Distress Parental</i>	28,68 (8,27)	33,69 (6,98)	97,00	<u>,059</u>	-,266
<i>Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança</i>	23,59 (6,87)	24,08 (7,79)	136,50	,416	-,038
<i>Criança Difícil</i>	27,82 (10,86)	33,15 (9,07)	101,50	<u>,080</u>	-,240

Relativamente à estabilidade dos rendimentos familiares dos participantes, através da Tabela 14, não se observam diferenças significativas no Stresse Parental entre sujeitos com rendimentos familiares estáveis e instáveis.

Porém, apesar de p não atingir o nível de significância considerado ($p < ,05$), verificámos efeitos de pequena magnitude no Stresse Parental ($U = 95,00$; $z = -1,64$; $p = ,052$; $r = -,277$) e nas subescalas Distress Parental ($U = 97,00$; $z = -1,57$; $p = ,059$; $r = -,266$) e Criança Difícil ($U = 101,50$; $z = -1,42$; $p = ,080$; $r = -,240$), onde os sujeitos cujos rendimentos familiares são instáveis ($Mdn = 91,00$; $Mdn = 32,00$; $Mdn = 33,00$) apresentam índices superiores do aqueles que apresentam estabilidade dos rendimentos familiares ($Mdn = 75,00$; $Mdn = 29,00$; $Mdn = 26,00$).

Tabela 15. Comparação das médias, desvios-padrão no Stresse Parental (PSI) e nas respetivas subescalas, segundo o sexo do menor, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Rapaz (n = 23)	Rapariga (n = 12)	U	P	R
	M (DP)	M (DP)			
Stresse Parental (Total)	88,83 (19,19)	75,08 (18,65)	81,00	,024	-,335
<i>Distress Parental</i>	31,39 (8,37)	28,92 (7,62)	118,50	,254	-,115
<i>Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança</i>	25,30 (6,92)	20,83 (6,82)	88,00	,042	-,294
<i>Criança Difícil</i>	32,13 (10,56)	25,33 (8,94)	90,50	<u>,050</u>	-,280

Na Tabela 15, podemos observar que os progenitores de rapazes diferem significativamente dos progenitores de raparigas no Stresse Parental ($U = 81,00$; $z = -1,98$; $p = ,024$; $r = -,335$) e na subescala Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança ($U = 88,00$; $z = -1,74$; $p = ,042$; $r = -,294$), sendo que no primeiro o tamanho do efeito é moderado ($,30 < r < ,50$), enquanto no segundo é pequeno ($r < ,30$).

Assim, observámos que pais/mães de rapazes ($Mdn = 91,00$) revelaram índices superiores de Stresse Parental do que os pais/mães de raparigas ($Mdn = 72,50$). Além disso, na subescala Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança, os progenitores de rapazes ($Mdn = 18,00$) apresentam pontuações mais elevadas do que os progenitores de raparigas ($Mdn = 24,00$).

Na subescala Criança Difícil, apesar do valor de p não atingir a significância (pois, $p > ,05$), observámos um efeito de pequena magnitude ($U = 90,50$; $z = -1,65$; $p = ,050$; $r = -,280$), constatando-se que os pais/mães de rapazes ($Mdn = 33,00$) apresentam pontuações superiores aos pais/mães de raparigas ($Mdn = 24,00$).

4.4.Níveis de Qualidade de Vida Relacionada com a Saúde

A presente seção diz respeito à Qualidade de Vida Relacionada com a Saúde dos menores dos participantes do estudo em questão. Primeiramente, analisámos os descritivos gerais das cinco dimensões do instrumento KIDSCREEN-27, designadamente Bem-estar Físico, Bem-estar Psicológico, Autonomia e Relação com os Pais, Suporte Social e Grupo de Pares e Ambiente Escolar. Posteriormente, observámos as relações existentes entre as dimensões do instrumento e as associações ou diferenças que estas apresentam em função das variáveis sociodemográficas e familiares.

Tabela 16. Descritivos das dimensões do KIDSCREEN-27 (N=32)

	M	DP	Mínimo	Máximo
Bem-estar Físico	4,16	0,86	1,80	5,00
Bem-estar Psicológico	3,97	0,57	2,43	4,57
Autonomia e Relação com os Pais	3,80	0,79	1,71	5,00
Suporte Social e Grupo de Pares	3,75	1,21	1,00	5,00
Ambiente Escolar	3,76	0,92	1,50	5,00

Relativamente à primeira dimensão do KIDSCREEN-27 (Tabela 16), Bem-estar Físico, averiguámos que o valor médio é de 4,16 pontos, num intervalo de 1,80 a 5,00 pontos, cujo desvio-padrão é de 0,86. Tal como podemos observar na Tabela 16, na opinião dos participantes, os menores têm maior bem-estar físico, comparativamente às restantes dimensões do instrumento.

De acordo com os dados relatados pelos participantes, os respetivos menores apresentam, em média, níveis de Bem-estar Psicológico iguais a 3,97 pontos. Além disso, a dispersão das respostas corresponde a 0,57 pontos e a amplitude das mesmas situa-se entre os 2,43 e os 4,57 pontos.

No que se refere à Autonomia e Relação com os Pais, ainda na Tabela 16, observámos que o desvio-padrão é de 0,79 pontos e as pontuações médias correspondem a 3,80 pontos, num intervalo de 1,71 a 5,00.

Ainda verificámos que, na dimensão Suporte Social e Grupo de Pares, a amplitude das respostas é igual a 4 pontos (Min = 1,00; Max = 5,00), onde a dispersão das mesmas é de 1,21 pontos. Os progenitores relataram que os seus filhos menores têm, em média, índice de suporte social e grupo de pares igual a 3,75 pontos.

Por último, na dimensão Ambiente Escolar (Tabela 16), as pontuações oscilam entre os 1,50 e os 5,00 pontos, sendo que o valor médio e o desvio-padrão correspondem a 3,76 e 0,92 pontos, respetivamente.

Tabela 17. Correlações entre as dimensões do KIDSCREEN-27 (N=32)

	Bem-estar Físico	Bem-estar Psicológico	Autonomia e Relação com os Pais	Suporte Social e Grupo de Pares	Ambiente Escolar
Bem-estar Físico	—	,693***	,743***	,513**	,519**
Bem-estar Psicológico		—	,654***	,330*	,668***
Autonomia e Relação com os Pais			—	,473**	,562***
Suporte Social e Grupo de Pares				—	,189
Ambiente Escolar					—

* $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$; # $p < ,10$

Tal como se pode observar na Tabela 17, as dimensões do KIDSCREEN-27 apresentam correlações muito significativas, com relações que variam entre o forte e o muito forte, com a exceção da relação entre as dimensões do Suporte Social e Grupo de Pares e do Ambiente Escolar que não é significativa.

Tabela 18. Correlações entre as dimensões do KIDSCREEN-27 e as variáveis sociodemográficas (N=35)

	Bem-estar Físico	Bem-estar Psicológico	Autonomia e Relação com os Pais	Suporte Social e Grupo de Pares	Ambiente Escolar
Idade Próprio(a) ^(a)	-,055	-,020	-,046	,191	,009
Idade Companheiro(a) ^(a)	-,157	-,266	-,191	-,008	-,420*
Rendimentos ^(a)	,080	-,018	,038	,126	-,039
Nível de Escolaridade ^(b)	-,140	-,071	-,207	-,009	-,170
Tipo de Trabalho Próprio(a) ^(b)	-,232	-,060	-,089	-,062	-,011
Tipo de Trabalho Companheiro(a) ^(b)	-,221	,490 [#]	-,044	-,265	,440 [#]
Número de Filhos ^(a)	,295 [#]	,173	,053	,093	,148
Número de pessoas no agregado ^(a)	,179	,203	,065	-,014	,272 [#]
Número de menores (18 anos) no agregado ^(a)	,251 [#]	,134	,016	,007	,198
Número de menores (14 anos) no agregado ^(a)	,318*	,186	-,001	-,064	,291 [#]
Idade Menor ^(a)	-,339*	-,186	,007	,035	-,282 [#]
Número de Reprovações ^(a)	-,215	-,071	,161	,132	-,044

* $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$; # $p < ,10$

^(a) Correlação de *Pearson*; ^(b) Correlação de *Spearman*

Na Tabela 18, podemos observar que a primeira dimensão do KIDSCREEN, o Bem-estar Físico, está relacionado significativa e negativamente com o número de menores de 14 anos no agregado familiar ($r_{(32)} = -,318$; $p = ,038$) e a idade do menor ($r_{(32)} = -,339$; $p = ,029$), como ainda tem correlações residuais e positivas com o número de filhos ($r_{(32)} = ,295$; $p = ,051$) e o número de menores de 18 anos no agregado ($r_{(32)} = ,251$; $p = ,083$). Contudo, as relações supramencionadas apresentam uma magnitude fraca, já que o valor do r de Pearson está situado entre os 0,20 e os 0,40.

A dimensão Bem-estar Psicológico não tem associações significativas com as variáveis sociodemográficas e familiares, apenas residuais e positivas com o tipo de trabalho do companheiro(a) ($r_{(12)} = ,490$; $p = ,053$). Além disso, a magnitude da relação é moderada ($,40 < r < ,60$).

Por sua vez, o Ambiente Escolar associa-se negativa e moderadamente à idade do companheiro(a) ($r_{(22)} = -,420$; $p = ,026$), como ainda exhibe correlações residuais e positivas com o tipo de trabalho do companheiro(a) ($r_{(12)} = ,440$; $p = ,076$), o número de pessoas no agregado ($r_{(32)} = ,272$; $p = ,066$) e o número de menores de 14 anos no agregado familiar ($r_{(32)} = ,291$; $p = ,053$), porém negativas com a idade do menor ($r_{(32)} = -,282$; $p = ,059$). No entanto, a magnitude destas associações residuais é fraca ($,20 < r < ,40$), com a exceção da relação moderada ($,40 < r < ,60$) entre o Ambiente Escolar e o tipo de trabalho do companheiro(a).

Importa referir que não existem correlações significativas entre as variáveis sociodemográficas e familiares e as dimensões da Autonomia e Relação com os Pais e do Suporte Social e Grupo de Pares.

Tabela 19. Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões do KIDSCREEN-27 segundo o sexo dos participantes, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Masculino (n = 11)	Feminino (n = 21)			
	M (DP)	M (DP)	U	P	R
Bem-estar Físico	4,29 (0,60)	4,09 (0,97)	113,50	,472	-,014
Bem-estar Psicológico	4,01 (0,47)	3,95 (0,63)	113,00	,463	-,018
Autonomia e Relação com os Pais	3,91 (0,78)	3,74 (0,81)	101,50	,294	-,099
Suporte Social e Grupo de Pares	4,07 (1,17)	3,58 (1,22)	86,00	,123	-,208
Ambiente Escolar	4,07 (0,54)	3,60 (1,04)	86,50	,127	-,205

Relativamente ao sexo dos participantes, através da Tabela 19, não se observam diferenças significativas nas dimensões do KIDSCREEN-27 entre homens e mulheres.

Tabela 20. Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões do KIDSCREEN-27 em função se tem ou não companheiro(a), teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Sim (n = 26)	Não (n = 6)			
	M (DP)	M (DP)	U	P	R
Bem-estar Físico	4,12 (0,93)	4,30 (0,49)	74,00	,429	-,034
Bem-estar Psicológico	3,95 (0,61)	4,07 (0,37)	76,50	,475	-,013
Autonomia e Relação com os Pais	3,82 (0,87)	3,71 (0,36)	63,50	,249	-,125
Suporte Social e Grupo de Pares	3,71 (1,31)	3,92 (0,58)	69,50	,347	-,073
Ambiente Escolar	3,78 (0,93)	3,67 (0,98)	72,50	,404	-,047

No que diz respeito à situação marital (Tabela 20), verificámos que não existem diferenças estatisticamente significativas nas dimensões referentes à Qualidade de Vida Relacionada com a Saúde, entre os participantes que têm companheiro(a) e os que não têm.

Tabela 21. Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões do KIDSCREEN-27 segundo o tipo de família, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Monoparental (n = 10)	Biparental (n = 22)			
	M (DP)	M (DP)	U	P	R
Bem-estar Físico	4,24 (0,78)	4,12 (0,90)	108,50	,480	-,011
Bem-estar Psicológico	3,86 (0,69)	4,02 (0,52)	95,50	,279	-,107
Autonomia e Relação com os Pais	3,64 (0,77)	3,87 (0,81)	90,00	,213	-,145
Suporte Social e Grupo de Pares	3,85 (1,07)	3,70 (1,28)	109,50	,496	-,004
Ambiente Escolar	3,33 (1,01)	3,95 (0,83)	69,50	<u>,050</u>	-,294

De um modo semelhante, quando considerámos o tipo de família (Tabela 21), verificámos que os participantes de famílias monoparentais não diferem significativamente dos participantes de famílias biparentais. Contudo, observámos que na dimensão Ambiente Escolar, apesar de p não atingir o nível de significância considerado ($p < ,05$), existe um efeito de pequena magnitude ($U = 69,50$; $z = -1,66$; p

= ,050; $r = -,294$), onde os sujeitos de famílias monoparentais ($Mdn = 3,50$) apresentam pontuações mais baixas do que os sujeitos de familiares biparentais ($Mdn = 4,13$).

Tabela 22. Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões do KIDSCREEN-27 segundo a estabilidade dos rendimentos familiares, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Estável (n = 20)	Instável (n = 12)			
	M (DP)	M (DP)	U	P	R
Bem-estar Físico	4,11 (0,93)	4,23 (0,76)	115,00	,427	-,035
Bem-estar Psicológico	3,99 (0,64)	3,93 (0,47)	97,50	,191	-,158
Autonomia e Relação com os Pais	3,94 (0,86)	3,57 (0,65)	80,50	<u>,063</u>	-,274
Suporte Social e Grupo de Pares	3,50 (1,41)	4,17 (0,60)	96,50	,184	-,163
Ambiente Escolar	3,90 (1,02)	3,52 (0,70)	82,50	<u>,073</u>	-,260

Na Tabela 22 não se observam diferenças significativas nas dimensões do KIDSCREEN-27 quanto à estabilidade dos rendimentos familiares.

Contudo, averiguámos que, na dimensão Autonomia e Relação com os Pais, apesar de não significativo ($p > ,05$), existe um efeito de pequena magnitude ($U = 80,50$; $z = -1,55$; $p = ,063$; $r = -,274$), onde os sujeitos com rendimentos familiares instáveis ($Mdn = 3,57$) apresentam índices mais baixos do que os sujeitos com estabilidade de rendimentos ($Mdn = 4,14$). Na dimensão Ambiente Escolar, também se verifica um efeito de pequena magnitude ($U = 82,50$; $z = -1,47$; $p = ,073$; $r = -,260$), em que os participantes cujos rendimentos familiares são estáveis ($Mdn = 4,13$) têm pontuações superiores em comparação aos inquiridos com rendimentos instáveis ($Mdn = 3,50$).

Tabela 23. Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões do KIDSCREEN-27 segundo o sexo do menor, teste *Mann-Whitney*, significância e efeito

	Rapaz (n = 20)	Rapariga (n = 12)			
	M (DP)	M (DP)	U	P	R
Bem-estar Físico	4,01 (0,94)	4,40 (0,66)	91,50	,136	-,198
Bem-estar Psicológico	3,85 (0,57)	4,17 (0,55)	67,50	,018	-,370
Autonomia e Relação com os Pais	3,67 (0,85)	4,01 (0,66)	91,50	,136	-,197
Suporte Social e Grupo de Pares	3,94 (0,99)	3,44 (1,50)	105,00	,284	-,104
Ambiente Escolar	3,65 (0,94)	3,94 (0,90)	97,50	,194	-,156

Quanto ao sexo do menor, através da tabela acima, constatámos que existem diferenças significativas no Bem-estar Psicológico ($U = 67,50$; $z = -2,09$; $p = ,018$; $r = -,370$) entre os pais/mães de rapazes e de raparigas, cujo tamanho do efeito é moderado ($,30 < r < ,50$). Deste modo, observámos que os progenitores de rapazes ($Mdn = 4,00$) revelaram menor bem-estar psicológico do que os progenitores de raparigas ($Mdn = 4,43$).

4.5. Relações entre o Stresse Parental, os Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco e a Qualidade de Vida relacionada com a Saúde

Nesta seção serão analisadas as relações entre as dimensões e subescalas dos instrumentos do presente estudo, nomeadamente PSI, KIDSREEN e ISER, Passado e Atual.

Tabela 24. Correlações entre as dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados, do Stresse Parental (PSI) (N=35)

		Stresse Parental (PSI)			
		Stresse Total	Distress Parental	Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança	Criança Difícil
ISER Passado	Risco Passado Total	,356*	,138	,390*	,305*
	Risco Passado Próprio(a)	,401**	,295*	,412**	,253 [#]
	Risco Passado do Ambiente Próximo	,259 [#]	-,004	,304*	,290*
ISER Presente	Risco Atual Total	,283 [#]	,355*	,212	,118
	Risco Atual do Próprio(a)	,399**	,528***	,329*	,125
	Risco Atual do Ambiente Próximo	,089	,086	,038	,078
	Afetação Atual Total	,164	,302*	,111	,002
	Afetação do Próprio(a)	,268 [#]	,483**	,212	-,009
	Afetação do Ambiente Próximo	,016	,040	-,017	,011

* $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$; [#] $p < ,10$

Na Tabela 24 podemos observar que o Stresse Parental está significativa e positivamente correlacionado com o Risco Passado Total ($r_{(35)} = ,356$; $p = ,018$), o Risco Passado do Próprio(a) ($r_{(35)} = ,401$; $p = ,009$) e o Risco Atual do Próprio(a) ($r_{(35)} = ,399$; $p = ,009$), como ainda tem associações residuais e positivas com o Risco Passado do Ambiente Próximo ($r_{(35)} = ,259$; $p = ,066$) e o Risco Atual Total ($r_{(35)} = ,283$; $p = ,050$). Estas relações são fracas, uma vez que o valor do r de Pearson situa-se entre os 0,20 e os 0,40, com a exceção da relação moderada entre o Stresse Parental e o Risco Passado do Próprio(a) ($,40 < r < ,60$).

Por sua vez, a subescala Distress Parental relaciona-se positiva e moderadamente com o Risco Atual do Próprio(a) ($r_{(35)} = ,528$; $p = ,001$) e a Afetação do Próprio(a) ($r_{(35)}$

= ,483; $p = ,002$), como também tem correlações positivas e fracas com o Risco Passado do Próprio(a) ($r_{(35)} = ,295$; $p = ,043$), o Risco Atual Total ($r_{(35)} = ,355$; $p = ,018$) e a Afetação Atual Total ($r_{(35)} = ,302$; $p = ,039$).

A Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança apresenta-se positiva e significativa associada ao Risco Passado Total ($r_{(35)} = ,390$; $p = ,010$), ao Risco Passado do Próprio(a) ($r_{(35)} = ,412$; $p = ,007$), ao Risco Passado do Ambiente Próximo ($r_{(35)} = ,304$; $p = ,038$) e ao Risco Atual do Próprio(a) ($r_{(35)} = ,329$; $p = ,027$). Com a exceção da relação moderada ($,40 < r < ,60$) entre a Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança e o Risco Passado do Próprio(a), a magnitude das restantes relações entre as dimensões é fraca ($,20 < r < ,40$).

Por fim, a subescala Criança Difícil está relacionada positiva e significativamente com o Risco Passado Total ($r_{(35)} = ,305$; $p = ,037$) e o Risco Passado do Ambiente Próximo ($r_{(35)} = ,290$; $p = ,045$), como ainda exhibe correlações positivas e residuais com o Risco Passado do Próprio(a) ($r_{(35)} = ,253$; $p = ,071$). No entanto, todas as relações supramencionadas são fracas ($,20 < r < ,40$).

Tabela 25. Correlações entre as dimensões do Stresse Parental (PSI) e do KIDSCREEN-27 (N=32)

	Stresse Parental (Total)	<i>Distress Parental</i>	<i>Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança</i>	<i>Criança Difícil</i>
Bem-estar Físico	-,487**	-,401*	-,531***	-,252 [#]
Bem-estar Psicológico	-,575***	-,258 [#]	-,698***	-,415**
Autonomia e Relação com os Pais	-,607***	-,570***	-,547***	-,336*
Suporte Social e Grupo de Pares	-,029	-,187	-,135	,181
Ambiente Escolar	-,565***	-,384*	-,627***	-,347*

* $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$; [#] $p < ,10$

O Stresse Parental (i.e., pontuação total do PSI) está negativa e moderadamente correlacionado com praticamente todas as dimensões do KIDSCREEN-27, designadamente o Bem-estar Físico ($r_{(32)} = -,487; p = ,002$), o Bem-estar Psicológico ($r_{(32)} = -,575; p = ,000$), a Autonomia e Relação com os Pais ($r_{(32)} = -,607; p = ,000$) e o Ambiente Escolar ($r_{(32)} = -,565; p = ,000$), com a exceção do Suporte Social e Grupo de Pares que não é significativa.

A subescala do PSI, Distress Parental, apresenta, por sua vez, correlações negativas e significativas com o Bem-estar Físico ($r_{(32)} = -,401; p = ,012$), a Autonomia e Relação com os Pais ($r_{(32)} = -,570; p = ,000$) e o Ambiente Escolar ($r_{(32)} = -,384; p = ,015$), como ainda associações residuais e negativas com o Bem-estar Psicológico ($r_{(32)} = -,258; p = ,077$). Nas duas primeiras, a magnitude é moderada ($,40 < r < ,60$), enquanto nas duas últimas, é fraca, visto que o valor do r de Pearson situa-se entre os 0,20 e os 0,40.

Tal como a pontuação total do PSI, a subescala a Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança não apresenta correlações significativas com o Suporte Social e Grupo de Pares, porém as relações com as restantes dimensões do KIDSCREEN-27 são significativas e negativas, nomeadamente, Bem-estar Físico ($r_{(32)} = -,531; p = ,001$), Bem-estar Psicológico ($r_{(32)} = -,698; p = ,000$), Autonomia e Relação com os Pais ($r_{(32)} = -,547; p = ,001$) e o Ambiente Escolar ($r_{(32)} = -,627; p = ,000$). Além disso, trata-se de correlações moderadas e fortes, uma vez que o valor do r é superior a 0,40 e inferior a 0,80.

A subescala Criança Difícil está relacionada negativa e significativamente com o Bem-estar Psicológico ($r_{(32)} = -,415; p = ,009$), a Autonomia e Relação com os Pais ($r_{(32)} = -,336; p = ,030$) e o Ambiente Escolar ($r_{(32)} = -,347; p = ,026$), como ainda tem associações residuais e negativas com a dimensão Bem-estar Físico ($r_{(32)} = -,252; p =$

,082). Com a exceção da relação moderada ($,40 < r < ,60$) entre a subescala Criança Difícil e a dimensão Bem-estar Psicológico, as restantes associações são fracas ($,20 < r < ,40$).

Na tabela seguinte podemos analisar as relações existentes entre as dimensões dos instrumentos ISER, Passado e Atual, e KIDSCREEN-27.

Tabela 26. Correlações entre as dimensões dos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco, Atuais e Passados, e do KIDSCREEN-27 (N=32)

		Bem-estar Físico	Bem-estar Psicológico	Autonomia e Relação com os Pais	Suporte Social e Grupo de Pares	Ambiente Escolar
ISER Passado	Risco Passado Total	-,285 [#]	-,218	-,294 [#]	-,109	-,379*
	<i>Risco Passado Próprio(a)</i>	-,240 [#]	-,222	-,238 [#]	-,125	-,439**
	<i>Risco Passado do Ambiente Próximo</i>	-,266 [#]	-,173	-,281 [#]	-,076	-,260 [#]
ISER Presente	Risco Atual Total	-,432**	-,412**	-,454**	-,109	-,372*
	<i>Risco Atual do Próprio(a)</i>	-,571***	-,487**	-,570***	-,245 [#]	-,442**
	<i>Risco Atual do Ambiente Próximo</i>	-,176	-,225	-,216	,058	-,202
	Afetação Atual Total	-,357*	-,309*	-,309*	-,049	-,279 [#]
	<i>Afetação do Próprio(a)</i>	-,549***	-,435**	-,491**	-,263 [#]	-,388*
	<i>Afetação do Ambiente Próximo</i>	-,047	-,083	-,024	,188	-,078

* $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$; [#] $p < ,10$

De acordo com a Tabela 26, o Bem-estar Físico está relacionado negativa e moderadamente com o Risco Atual Total ($r_{(32)} = -,432$; $p = ,007$), o Risco Atual do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,571$; $p = ,000$) e a Afetação do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,549$; $p = ,001$), porém exibe também correlações negativas e fracas com a Afetação Atual Total ($r_{(32)} = -,357$; $p = ,022$). Esta dimensão do KIDSCREEN-27 apresenta ainda associações

residuais e negativas com o Risco Passado Total ($r_{(32)} = -,285; p = ,057$), o Risco Passado do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,240; p = ,093$) e o Risco Passado do Ambiente Próximo ($r_{(32)} = -,266; p = ,071$), porém são fracas, já que o valor do r de Pearson situa-se entre os 0,20 e os 0,40.

O Bem-estar Psicológico, por sua vez, associa-se negativa e moderadamente ao Risco Atual Total ($r_{(32)} = -,412; p = ,010$), ao Risco Atual do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,487; p = ,002$) e à Afetação do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,435; p = ,006$). A dimensão em questão revela ainda correlações negativas, porém fracas ($,20 < r < ,40$), com a Afetação Atual Total ($r_{(35)} = -,309; p = ,043$).

A Autonomia e Relação com os Pais, ainda na Tabela 26, tem associações significativas e negativas com o Risco Atual Total ($r_{(32)} = -,454; p = ,005$), o Risco Atual do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,570; p = ,000$), a Afetação Atual Total ($r_{(32)} = -,309; p = ,043$) e a Afetação do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,491; p = ,002$). Estas relações são moderadas ($,40 < r < ,60$), exceto com a Afetação Atual Total que é fraca ($,20 < r < ,40$). A dimensão Autonomia e Relação com os Pais apresenta também correlações residuais e negativas com o Risco Passado Total ($r_{(32)} = -,294; p = ,051$), o Risco Passado do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,238; p = ,095$) e o Risco Passado do Ambiente Próximo ($r_{(32)} = -,281; p = ,060$). Contudo, a magnitude das mesmas é fraca, já que o valor do r está situado entre os 0,20 e os 0,40.

A dimensão Suporte Social e Grupo de Pares não tem associações significativas com as dimensões do ISER Passado e Atual, apenas residuais, nomeadamente com o Risco Atual do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,245; p = ,088$) e a Afetação do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,263; p = ,073$). Estas correlações são negativas e fracas ($,20 < r < ,40$).

Por último, a dimensão Ambiente Escolar está negativa e significativamente associada ao Risco Passado Total ($r_{(32)} = -,379$; $p = ,016$), ao Risco Passado do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,439$; $p = ,006$), ao Risco Atual Total ($r_{(32)} = -,372$; $p = ,018$), ao Risco Atual do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,442$; $p = ,006$) e à Afetação do Próprio(a) ($r_{(32)} = -,388$; $p = ,014$). Esta dimensão exibe ainda correlações residuais e negativas com o Risco Passado do Ambiente Próximo ($r_{(32)} = -,260$; $p = ,076$) e a Afetação Atual Total ($r_{(32)} = -,279$; $p = ,061$). No entanto, a magnitude das relações é fraca ($,20 < r < ,40$), com a exceção da relação moderada ($,40 < r < ,60$) entre o Ambiente Próximo e as dimensões Risco Passado do Próprio(a) e Risco Atual do Próprio(a).

5. Discussão

5.Discussão

O presente capítulo dedicar-se-á à discussão dos resultados adquiridos, que começará com uma análise das características sociodemográficas dos participantes e das famílias.

Apuramos que os resultados do presente estudo assemelham-se muito com os da literatura, nomeadamente o facto de o stress parental influenciar negativamente o bem-estar infantil (Nunes et al., 2011; Hidalgo, 2009; Menéndez et al., 2009;).

No presente estudo, o perfil sociodemográfico dos participantes caracteriza-se por um reduzido nível educativo e precaridade profissional e económica. Estes resultados são similares aos dos estudos efetuados por Nunes e colaboradores (2011) que constatarem dificuldades laborais e económicas e intensa diversidade de problemas que afetam as mães e o seu meio familiar.

Relativamente ao Apoio Social, 28,6% das famílias carecem de Apoio Social e 14,3% trabalham mas necessitam de ajuda social. Estes resultados convergem com estudos empíricos de vários autores (Garrido & Grimaldi, 2010; Hidalgo, Lorence et al., 2009; Menéndez et al, 2012; Nunes et al., 2011).

Salientamos aqui os resultados obtidos no estudo de Nunes, Lemos, Ayala Nunes e Costa (2011) em que as famílias carecem de apoio dos profissionais e acabam muitas vezes por se apoiar especialmente na família e amigos. Sendo importante referir que observamos que os participantes do presente estudo também beneficiariam de uma melhor rede de apoio às famílias e aos menores em risco psicossocial.

Relativamente aos Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Passados, verificámos que o tipo de problemas vivenciados pelo próprio(a) foram económicos (54,3%), desemprego (42,9%) e, com as mesmas pontuações, psicológicos (40,0%) e

maltrato na infância (40,0%) assemelhando-se a resultados adquiridos por Groneveld (2010).

Observámos também que o tipo de problemas, mais comuns, no passado do ambiente próximo dos participantes foram, com a mesma percentagem (57,1%), problemas económicos e desemprego, seguidamente por, e também com pontuações idênticas (48,6%), problemas judiciais e consumo de drogas e, por fim, problemas psicológicos (45,7%) e maltrato na infância (40,0%), tal como foi verificado em estudos de Magalhães e Gamboa (2002) e Groneveld (2010).

No que diz respeito ao número de Acontecimentos de Vida Stressantes e de Risco Atuais vivenciados pelo próprio(a), reparámos que os problemas mais historiados, por mais de metade dos participantes, foram laborais (71,4%), económicos (62,9%) e conflitos conjugais (51,4%). Continuamente, a separação e/ou divórcio, os problemas psicológicos e os físicos, surgem com o mesmo valor de percentagem (40,0%). Estes resultados são convergentes com os estudos de Garcia e colaboradores (1991), Lorence e colaboradores (2009); Moreno (2002); Menéndez e colaboradores (2010), Nunes e colaboradores (2011), Rodrigo e colaboradores (2008).

No que diz respeito ao tipo de problemas existentes no ambiente próximo dos participantes, verificámos que os problemas mais comuns foram laborais (57,1%), económicos (54,3%), morte (42,9%) e, com a mesma pontuação (37,1%), conduta violenta e consumos abusivos de álcool e/ou drogas, como foi também averiguado em estudos de (Gómez et al., 2009; Nunes et al., 2011).

Notamos que, relativamente ao Stresse Parental (pontuação total), existe uma elevada amplitude nas respostas, já que o desvio-padrão é de 19,86 pontos. Em média, os sujeitos apresentaram um índice de Stresse Parental igual a 84,11 pontos. Também

observamos que o stresse parental apresenta-se muito elevado em pais de crianças com problemas comportamentais crianças difíceis, tal como foi verificado no estudo de Embregts, Bois e Graef (2010).

Constatámos também no presente estudo que quanto maior for o stresse parental, mais comprometido se encontra o bem-estar físico e psicológico da criança, o que vai ao encontro dos estudos conduzidos pelos autores Abidin (1992), Garcia (1994), Magalhães e Gamboa (2002).

Também a saúde física e emocional da criança assim como o seu desenvolvimento cognitivo e social são influenciados pelas características da família que por sua vez afetam o bem-estar da criança (Azenha, 2012), facto este que foi observado no nosso trabalho.

Em estudos efetuados junto de famílias com menores em risco, na região algarvia (Nunes, Lemos, Ayala Nunes & Costa, 2013; Macedo, Nunes, Costa, Ayala Nunes & Lemos 2013) os sujeitos que participaram demonstraram necessidades elevadas de apoio emocional mesmo não se detetando situações de isolamento social. No presente estudo os participantes também relatam uma percentagem significativa de problemas psicológicos o que sugere a necessidade de apoio emocional.

Groneveld (et al 2010) aponta o stresse maternal como afetando mais o bem-estar infantil e também as mães como as mais afetados de stresse, no entanto no presente estudo o stresse parental tanto afetou o sexo feminino como o masculino não ocorrendo diferenças significativas.

No presente trabalho os resultados obtidos sobre os acontecimentos de vida stressantes mais destacados foram de modo geral problemas económicos e laborais e problemas psicológicos e conflitos conjugais o que vai ao encontro com resultados encontrados na literatura científica realizados com famílias em risco, nomeadamente

num estudo de (Nunes, Lemos, Ayala Nunes & Costa, 2013) sobre Acontecimentos de Vida Stressantes e apoio social em famílias em risco psicossocial. Os resultados são convergentes entre os dois estudos, salientando-se os problemas económicos, laborais, psicológicos e conjugais.

Pais com stresse também manifestam reduzido suporte familiar e social, reduzida qualidade de vida e bem-estar, perturbações familiares, problemas psicológicos, afetando tudo isto o bem-estar infantil e ambiente familiar no seu geral, como se verifica nos estudos comprovados por Abidin (1992), Menéndez e colaboradores (2010), Nunes e colaboradores (2011). O presente estudo vai ao encontro destes resultados da literatura científica pois observámos que quanto mais stresse mais interação disfuncional entre pais e filhos.

Relativamente às limitações do estudo, na interpretação destes dados, devemos ter em conta que a amostra não é necessariamente representativa da população geral.

Em relação a sugestões futuras, uma sugestão que poderia ser passada a futuros interessados deste tema, seria a de tentar diversificar e estender a amostra o mais possível onde todo o tipo de população, independentemente do seu nível económico, social ou cultural, fosse desafiado a participar.

6.Conclusões

6. Conclusões

A presente investigação permitiu-nos perceber a influência do stresse parental sobre o bem-estar infantil e perceber o perfil psicossocial das famílias com crianças em risco psicossocial, aprofundando a realidade sobre o “mundo” destas famílias em que vivem os menores em constantes contextos familiares de vulnerabilidade (Magalhães, 2010 & Weizman, J. 1985).

A elevada precaridade económica e profissional, o reduzido nível educativo, a desorganização familiar, o baixo autocontrolo são algumas características que caracterizam as famílias de risco psicossocial. Estes efeitos são comprovados por investigações dedicadas às famílias de risco (Lorence et al., 2009; Nunes et al., 2011).

É importante salientar que a violência no núcleo familiar constitui um fenómeno de extrema complexidade que envolve fatores como a desigualdade social e prejuízos no bem-estar infantil e na qualidade de vida que atinge as famílias com comprometimento nos relacionamentos intrafamiliares.

Relativamente à manifestação de acontecimentos de vida de risco e stressantes estes impedem a apropriada concretização das tarefas dos progenitores (Rodrigo, 2009). Também o acumular de fatores de riscos exerce um resultado negativo na adaptação psicossocial das crianças (Rodriguez, G., Camacho, J., Rodrigo, M.J., Martin, J.C., & Maíquez, M. L. (2006), o que demonstra que é importante investir nas intervenções psicossociais mais próximo dos menores e das famílias em risco psicossocial.

Os núcleos familiares em risco psicossocial caracterizam-se por baixo nível educativo, desordem familiar, precaridade económica, profissional constituindo um grupo muito frágil. Estas investigações são corroboradas por investigações formadas com famílias de risco (Garrido & Grimaldi, 2010; Hidalgo et al. 2009, Menéndez et al., 2012., Nunes et al., 2011).

Encontramos ser importante salientar que o aglomerado de circunstâncias stressantes e negativas ao elevar-se afeta o bem-estar físico e psicológico das crianças o que por sua vez torna mais frágeis as famílias em risco psicossocial. Deste modo, o nosso estudo converge com um estudo recente (Pérez, Nunes, L., Nunes, C. & Hidalgo, 2012).

Também na trajetória da existência das crianças em risco psicossocial, deparamo-nos com situações de negligência, maus tratos psicoafectivos, entre outros, que deixam os seus sinais bem gravados na história de vida das crianças e muito podem prejudicar o seu desenvolvimento e bem-estar (Matos, 2007).

Por fim, é fundamental referirmos a extrema importância de investir na natureza destes estudos de forma que se possa contribuir para um aprofundado conhecimento da vida das crianças e despertar para a necessidade da sua constante proteção, melhoria de qualidade de vida e consequente bem-estar infantil.

7. Referências bibliográficas

7.Referências Bibliográficas

- Abidin, R. (1992). Determinants of Parenting Behaviour. *Journal of Clinical Child Psychology*, 21 (4), 407-412. doi:10.1207/s15374424jccp2104_12.
- Abidin, R., & Santos, S. V. (2003). *Índice de Stresse Parental (PSI)* Manual. Lisboa: Cegoc.
- Ayala-Nunes, L., Lemos, I., & Nunes, C. (in press). Predictores del estrés parental en madres de familias en riesgo psicossocial [Parenting stress predictors in families at psychosocial risk]. *Universitas Psychologica*. ISSN: 1657-9267.(FI:0.544).
- Ausloos, G. (2003). *A Competência das Famílias*. Lisboa. Climepsi Editores.
- Barros, J. (1992). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina.
- Belsky, J. (1980). Child Maltreatment. An Ecological Integration. *American Psychologist*, 35(4), 320-335.
- Belsky, J. (1984). *The Determinants of Parenting: A Process Model*. *Child Development*, 55, 83-96.
- Byrne, S., Rodrigo, M. J. & Martín, J. C. (2012). *Influence of form and timing of social support on parental outcomes of a child-maltreatment prevention program*. *Child and Youth Services Review*, 34, 2495-2503. doi : 10.1016/j.chilyouth.2012.09.016.
- Calheiros, M.; Garrido, M.; & Santos, S. (2012). *Crianças em Risco e Perigo*. Contextos, Investigação e Intervenção. Lisboa: Edições Sílabo.
- Crnic, K., & Low, C. (2002). Everyday stress and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.

- Cummings, J. C. Pepler, D.J., & Moore, T. E. (1999). Behavior problems in children exposed to wife abuse: Gender differences. *Journal of Family Violence*, New York, 14 (2), 133-156. *Educational Research*, 87(5), 262-270.
- Garbarino, J. (1992). The meaning of poverty in the world of children. *American Behavioral Scientist*, 35 (3), 220-237. doi: 10.1177/0002764292035003003
- Garcia, E., Musitu, G., & Garcia, F. (1994). Estrés, apoyo social y ajuste psicológico en padres que maltratan a sus hijos. *Revista de Psicología Social*, 9 (2), 193-203.
- Gómez, E., Muñoz, M., & Haz, A. M. (2007). Familias Multiproblemáticas y en Riesgo Social: Características en Intervención. En *Psykhé*, 16(2), 43-54.
- Harknett, S. & Hartnett, C. S. (2011). Who Lacks Support and Why? An Examination of Mother's Personal Safety Nets. *Journal of Marriage and Family*, 73, 861-875. doi:10.1111/j.1741-3737.2011.00852.
- Hidalgo, M. V., Lorence, L., Pérez, J., Méndez, S., Sánchez, J., Jiménez, L., & Arenas, A. (2009). *El apoyo social de mujeres solas con responsabilidad familiar*. España: Instituto Andaluz de la Mujer.
- Huston, A.C. & Bentley, A.C. (2010). *Human development in societal context*. *Annual Review of Psychology*, 61, 411-437. doi:10.1146/annurev.psych.093008.100442
- Lin, N. & Ensel, W. M (1989). Life Stress and health: Stressors and resources. *American sociological review*, 54, 382-399.
- Lisboa, C.S.M., Koller, S.H., Ribas, F.F., Bitencourt, K., Oliveira, L. Porcicircula, L. P., & De Manchi, R. B. (2002). Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 5 (2), 345-362.

- López, A. B., & Sánchez, E. M. (2001). Estrutura Social, apoyo social e salud mental. *Psicothema*, 13(1), 17-23.
- López, I. V. (2006). El apoyo social de familias en situacion de riesgo. (Documento nº 04/06), Espanha: Fundacion Acción Familiar.
- López, I., Menéndez, S., Lorence., B., Jiménez, L Hidalgo, V., & Sánchez, J. (2007). Evaluacion del apoyo social mediante la escala ASSIS: descripcióny resultados en una muestra de madres en situación de riesgo psicossocial. *Intervencion Psicossocial*, 16 (3), 323-337.
- Lorence, B., Hidalgo, M. V. & Dekovic, M. (2013). *Adolescent adjustment in at-risk families: The role of psychosocial stress and parente socialization*. *Salud Mental*, 36, 49-57.
- Lorence, B., Jiménez, L., & Sánchez, J. (2009). Un análisis de los sucesos vitals estresantes experimentados por adolescentes en familias usuarias de los servicios sociales comunitarios. *Portularia*, 9 (1), 115-126.
- Macedo, C., Nunes, I., Ayala Nunes, L., & Lemos, I. (2013). Apoio social, acontecimentos stressantes, adaptabilidade e coesão em famílias em risco psicossocial. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14 (2), 304-312.
- Magalhães, T. & Gamboa, M. (2002). *Maus tratos em crianças e jovens*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Magalhães, T. (2005). *Maus Tratos em Crianças e Jovens*. Coimbra: Quarteto.
- Magalhães, T. (2010). *Abuso de crianças e jovens. Da suspeita ao diagnóstico*. Porto: Lidel, edições técnicas, lda.
- Máiquez, M. L., Rodríguez, G., & Rodrigo, M. J. (2004). Intervención psicopedagógica en el ámbito familiar: los programas de educación para padres. *Infancia y Aprendizaje*, 27(4), 403-406.

- Marcelli, D. (2005). *Infância e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Martín, J. C., Máiquez, M. L., Rodrigo, M. J., Correa, A. D., & Rodríguez, G. (2004). Evaluación del programa “Apoyo personal y familiar” para madres y padres en situación de riesgo psicosocial. *Infancia y Aprendizaje*, 27(4), 437-445.
- Matos, A. C. (2007). *Vária. Existo porque fui amado*. Climepsi Editores.
- Menéndez, S. Hidalgo, M. V., Jiménez, L., Lorence, B., & Sánchez, J. (2010). Perfil psicossocial de famílias em situação de riesgo. Un estudo de necessidades com usuárias de los Servicios Sociales Comunitários por razones de preservacion familiar. *Anales de Psicologia*, 26 (2), 378-389.
- Minuchin, S. (2005). *Familias y Terapia familiar*. Colecion Terapia Familiar. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Moreno, J.M. (2002). Estudio sobre las variables que intervienen en el abandono físico o negligência infantil. *Anales de Psicología*, 18(1), 135-150.
- Mulatu, M. S. (1995). Prevalence and risk factos of psychopathology in Ethiopian children. *Journal AMACAD Child and Adolescence Psychiatry*, 34, 19-25.
- Nunes, C., & Lemos, I. (2010a). Inventário de Situações Stressantes e de Risco. Versão portuguesa do Inventario de Situaciones Estresantes y de Riesgo de Hidalgo, Menéndez, Sánchez, López, Jiménez e Lorence (2005). Documento não publicado, Universidade do Algarve, Faro, Portugal.
- Nunes, C., & Lemos, I. (2010b). Entrevista de Apoio Social. Versão portuguesa para investigação do Arizona Social Support Interview Schedule (ASSIS) de Barrera (1980). Documento não publicado, Universidade do Algarve, Faro, Portugal.
- Nunes, C., & Lemos, I. (2010c). Escala de Avaliação da Coesão e Adaptação Familiar. Versão portuguesa para investigação da Family Adaptability and Cohesion

- Evaluation Scale de Olson, Portner e Lavee (1985). Documento não publicado, Universidade do Algarve, Faro, Portugal.
- Nunes, C., Lemos, I., Ayala Nunes, L., & Costa, D. (2013). Acontecimentos de vida stressantes e apoio social em famílias em risco psicossocial. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14 (2), 313-320.
- Nunes, C., Lemos, I., Costa, D., Nunes, L., & Almeida, A. (2011). Social support and stressful life events in portuguese multi-problem families. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 5 (1), 497-505.
- Nunes, C., Martins, A. T., Almeida, A. S., & Martins, C. (2009). Os contextos de socialização dos adolescentes. In C. Nunes e S. N. Jesus (Coords). *Temas Atuais em Psicologia* (pp. 63). Faro: Universidade do Algarve.
- Oliveira, P (2009). Maus tratos: A atitude dos técnicos das comissões de proteção. 1ª Edição. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Ornelas, J. (1994). Suporte social: origens, conceitos e áreas de investigação. *Análise Psicológica*, 12 (2-3), 333-339.
- Ortega, D. M. (2002). How much is too much? Parenting Efficacy and Social Support.
- Palacios, J., & Rodrigo, M. J. (1998). La familia como context de desarrollo humano. In M. I. Palacios (Eds.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 25-44) Madrid: Alianza Editorial.
- Parraga, E. (2010). O papel do enfermeiro no atendimento à criança e adolescente vítima de violência sexual. Uruguaiana: Universidade Federal do Pampa.
- Pérez, J., Nunes, L., Nunes, C., & Hidalgo, V. (2012). Estrés parental, cohesión y adaptación familiar en familias con menores en riesgo psicossocial: Un estudio comparativo entre Andalucía Occidental y el Algarve. Libro de actas del XI

- Congreso internacional de infância maltratada: Construyendo puentes entre investigación y práctica. Oviedo: FAPMI & ASACI, 740-745.
- Ribeiro, C., Pires, S, & Sousa, L. (2004). Perceção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências e recursos. Observatório Permanente de Desenvolvimento Social. Horizontes Sociais, 4, 9-22.
- Ribeiro, J. L. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). Análise Psicológica, 17 (3), 547-558.
- Rodrigo & Palacios, J. (Eds.). Familia y desarrollo humano (pp. 25-44). Madrid: Alianza Editorial.
- Rodrigo, M. J. (2009). Una mirada integradora de la resiliencia parental: Desde el contexto hasta la mente de las madres y los padres en riesgo psicosocial. Psicología da Educación, 28, 51-71.
- Rodrigo, M. J., Maíquez, M. L. & Rodriguez, G. (2007). *Informal and formal supports and maternal child-rearing practices in at-risk psychosocial contexts*. Children and Youth Services Review, 29, 329-347.
- Rodrigo, M. J., Maíquez, M. L., Martín, J.C. & Maíquez, M. L. (2005). Evaluación del riesgo psicossocial en famílias usuárias de servicios sociales municipales. Psicothema, 18 (2), 200-206.
- Rodrigo, M.J & Palacios, J. (1998). Conceptos y dimensiones en el análisis evolutivo-educativo da la família. In M. J. Rodrigo & Palacios (Coords.), Familia y desarrollo humano (pp. 45-70). Madrid: Alianza Editorial.
- Rodríguez, G., Camacho, J., Rodrigo, M. J., Martín, J. C., & Máiquez, M. L. (2006). Evaluación del riesgo psicosocial en familias usuarias de servicios sociales municipales. Psicothema, 18(2), 200-206.

- Roggman, L. A., Boyce, L. K., Cook, G. A., & Cook, J. (2002). Getting dads involved: Predictors of father involvement in early head start and with their children. *Infant Mental Health Journal*, 23, 62-78.
- Rutter, M. (2006). The promotion of resilience in the face of adversity. In C.S. Alison e J. Dunn (Eds), *Families count: Effects on child and adolescent development* (pp. 26-47). NY: Cambridge University Press.
- Santos, M. (2009). *A Intervenção do serviço social na problemática dos maus tratos*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Santos, S. V. (2008). Forma Reduzida do Parenting Stress Index (PSI): Estudo Preliminar. XIII Conferência Internacional Avaliação Formas e Contextos. Braga: Universidade do Minho.
- Sawaya, M. (2001). A infância na pobreza urbana: linguagem oral e a escrita da história pelas crianças. *Psicologia USP*, São Paulo, v.12, n.1, p.153-78.
- Siman-Tov, A. & Kaniel, S. (2010). Stress and Personal Resource as Predictors of the Adjustment of Parents to Autistic children: A Multivariate Model. *J. Autism Dev Disord* / Springer, 1 – 12.
- Soriano, F. (2006). *Promoção e Proteção dos direitos das crianças: guia de orientações para os profissionais de saúde na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo*. Generalitat Valenciana edição.
- Sousa, L., & Ribeiro, C. (2005). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *Psicologia*, 29 (1-2), 169-191.
- Tomás, C.; Fernandes, N. *Direitos da Criança em Portugal: os desassossegos dos riscos na/da infância*. Universidade de Lisboa e CISC/Universidade do Minho, 2011.
- UNICEF (2013). *A Convenção dos Direitos da Criança*.

- Vickers, H. S. (2001). Young children at risk: Differences in family functioning. *Journal of Educational Research*, 87(5), 262-270.
- Walsh, F. (2003). *Spiritual Resources in family therapy*. New York: Guilford.
- Walsh, F. (2005). *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo. Roca.
- Weizman, J. (1985). *Engaging the severely dysfunctional family in treatment: basic*.
- Whitaker, C. ; Bumberry, W. (2010). *Dançando com a família*. Porto Alegre: Artes Médicas.

8. Anexo

